

UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE UNIARP
PSICOLOGIA

ELIANE RECALCATTE VOGEL

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE INTELIGÊNCIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS
DA INTELIGÊNCIA COGNITIVA À INTELIGENCIA EMOCIONAL

CAÇADOR
2018

ELIANE RECALCATTE VOGEL

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE INTELIGÊNCIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS
DA INTELIGÊNCIA COGNITIVA À INTELIGENCIA EMOCIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, do Curso de Psicologia, ministrado pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, sob orientação do professor Mestre: Clayton Luiz Zanella.

Caçador
2018

**A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE INTELIGÊNCIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS
DA INTELIGÊNCIA COGNITIVA À INTELIGENCIA EMOCIONAL**

ELIANE RECALCATTE VOGEL

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

Bacharel em Psicologia

E aprovado na sua versão final em _____, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe e Coordenação do Curso de Psicologia.

Ana Cláudia Lawless Dourado
Coordenadora do Curso de Psicologia

BANCA EXAMINADORA:

Clayton Luiz Zanella
(Presidente)

Membro

Membro

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Leopoldo e Elvira, pois não fazem ideia do valor e do significado que tem em minha vida.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, pois sem ele nada seria possível;

Ao meu esposo Renato e aos meus filhos Gabrielly e Guilherme, por existirem e fazerem parte da minha vida, e pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência;

Aos meus pais Leopoldo e Elvira, também ao meu irmão Adriano pelo amor incondicional e por serem meu suporte emocional;

A todos os meus professores da faculdade, peças essenciais na minha trajetória acadêmica;

Aos meus Colegas, grandes incentivadores e parceiros de estudos durante esta trajetória.

A minha prima Marlise, pela dedicação e zelo em fazer a revisão ortográfica.

Ao meu professor e orientador Clayton Luiz Zanella, pela a dedicação e paciência!

Quando me amei de verdade

Quando me amei de verdade, compreendi que em qualquer circunstância, eu estava no lugar certo, na hora certa, no momento exato.

E então, pude relaxar.

Hoje sei que isso tem nome... Autoestima.

Quando me amei de verdade, pude perceber que minha angústia, meu sofrimento emocional, não passa de um sinal de que estou indo contra minhas verdades.

Hoje sei que isso é... Autenticidade.

Quando me amei de verdade, parei de desejar que a minha vida fosse diferente e comecei a ver que tudo o que acontece contribui para o meu crescimento.

Hoje chamo isso de... Amadurecimento.

Quando me amei de verdade, comecei a perceber como é ofensivo tentar forçar alguma situação ou alguém apenas para realizar aquilo que desejo.

Hoje sei que o nome disso é... Respeito.

Quando me amei de verdade comecei a me livrar de tudo que não fosse saudável... Pessoas, tarefas, tudo e qualquer coisa que me pusesse para baixo. De início minha razão chamou essa atitude de egoísmo.

Hoje sei que se chama... Amor-próprio.

Quando me amei de verdade, deixei de temer o meu tempo livre e desisti de fazer grandes planos, abandonei os projetos megalômanos de futuro.

Hoje faço o que acho certo, o que gosto, quando quero e no meu próprio ritmo.

Hoje sei que isso é... Simplicidade.

Quando me amei de verdade, desisti de querer sempre ter razão e, com isso, errei muitas menos vezes.

Hoje descobri a... Humildade.

Quando me amei de verdade, desisti de ficar revivendo o passado e de preocupar com o futuro. Agora, me mantenho no presente, que é onde a vida acontece.

Hoje vivo um dia de cada vez. Isso é... Plenitude.

Quando me amei de verdade, percebi que minha mente pode me atormentar e me decepcionar. Mas quando a coloco a serviço do meu coração, ela se torna uma grande e valiosa aliada.

Tudo isso é... Saber viver!

(Trecho adaptado do livro "Quando me amei de verdade", de Kim e Alison McMillen)

RESUMO

A inteligência, como qualidade humana, é premissa básica para o sucesso pessoal e profissional do ser humano. Assim, este trabalho de cunho bibliográfico, fez uma análise da importância da inteligência emocional no desenvolvimento das relações pessoais e interpessoais. O problema da pesquisa enfocou a questão: como se construiu historicamente o conceito de inteligência e as suas diversas abordagens, considerando principalmente a inteligência emocional. O objetivo geral desta pesquisa foi estudar o tema através da análise dos conceitos históricos da inteligência, com foco na IE. Os objetivos específicos foram: caracterizar os estudos da inteligência; interpretar as influências da inteligência emocional no desenvolvimento do ser humano e analisar os diversos olhares do psicólogo sobre a IE. A pesquisa caracteriza-se como descritiva de cunho bibliográfico. Os principais resultados apontaram que apesar de existirem muitos conceitos que procuram definir o que é a inteligência, e que todos tenham a sua importância para o alcance do sucesso, o conceito de inteligência emocional, tema central deste trabalho, mesmo que sendo um dos conceitos mais recentes, vem se destacando como uma das mais importantes qualidades necessárias para o sucesso pessoal e profissional. Os estudos sobre a Inteligência emocional, destacadamente os realizados pelo psicólogo norte americano Daniel Goleman, demonstraram que o desenvolvimento de cinco habilidades emocionais: a autoconsciência, o autocontrole, a automotivação, o reconhecimento das emoções dos outros e o saber lidar com os relacionamentos se constituem nas qualidades essenciais para o alcance do sucesso pessoal e profissional.

Palavras chaves: Inteligência; Inteligência Emocional; Emoções; Daniel Goleman.

ABSTRACT

Intelligence, as human quality, is a basic premise for the personal and professional success of the human being. Thus, this work of bibliographic analysis made an analysis of the importance of emotional intelligence in the development of personal and interpersonal relationships. The research problem focused on the question: how has the concept of intelligence and its various approaches historically been constructed, especially considering emotional intelligence. The general objective of this research was to study the theme through the analysis of the historical concepts of intelligence, focusing on EI. The specific objectives were: to characterize intelligence studies, interpret the influences of emotional intelligence on the development of the human being and analyze the psychologist's various views on EI. The research is characterized as bibliographic descriptive. The main results pointed out that although there are many concepts that seek to define what intelligence is, and that all have their importance for achieving success, the concept of emotional intelligence, the central theme of this work, even though it is one of the most recent years, has been standing out as one of the most important qualities needed for personal and professional success. The studies on emotional intelligence, notably those performed by the North American psychologist Daniel Goleman, demonstrated that the development of five emotional abilities: self-awareness, self-control, self-motivation, recognition of others' emotions and relationship- in the qualities essential for the achievement of personal and professional success.

Keywords: Intelligence; Emotional Intelligence; Emotions; Daniel Goleman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2. DESENVOLVIMENTO.....	16
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1.1 História da Inteligência	16
2.1.2 A Inteligência nos Diversos Enfoques:	23
2.1.2.1 Inteligência geral	23
2.1.2.2 Inteligência fluida e inteligência cristalizada	25
2.1.2.3 Teorias do desenvolvimento progressivo de Piaget	28
2.1.2.4 Teoria da inteligência de Vygotsky	32
2.1.2.5 Teoria das inteligências múltiplas de Gardner.....	34
2.1.3 A Inteligência Emocional	46
2.2 METODOLOGIA	60
2.2.1. Tipo De Pesquisa	60
2.2.2 Coletas de Dados	61
2.2.3 Análises e Interpretação dos Dados.....	61
2.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	62
3.CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - TEORIA CHC.....	28
Figura 2 - MAPA CONCEITUAL DA TEORIA DE PIAGET.....	31
Figura 3 - INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE GARDNER.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS

CHC – Cattell - Horn - Carroll

Ga – Processamento auditivo

Gc – Inteligência Cristalizada

Gf – Inteligência fluida

Gq – Conhecimento quantitativo

Glr – Armazenamento e recuperação da memória de longo prazo

Grw – Leitura e escrita

Gs – Velocidade de processamento

Gsm – Memória de curto prazo

Gt – Rapidez de decisão

Gv – Processamento visual

I – Indução

I E – Inteligência Emocional

IM – Inteligências Múltiplas

QI – Quociente de Inteligência

QE – Quociente Emocional

RG – Raciocínio sequencial geral

RP – Raciocínio piagetiano

RQ – Raciocínio quantitativo

WISC – Escalas Weschsler para Criança

WAIS – Escalas de inteligência Weschsler para Adultos

WPPSI – Escalas de inteligência Weschsler para Primeira Infância

1 INTRODUÇÃO

A inteligência pode ser uma palavra muito utilizada em vários ambientes, porém, o seu entendimento varia de acordo com o referencial teórico utilizado. Muitos profissionais que fazem uso do termo inteligência, nem sempre tem clareza do seu real significado ou compreensão de suas atribuições. Uma das definições de inteligência citada por Dalgarrondo (2008, p. 277) diz que:

A inteligência pode ser definida como o conjunto das habilidades cognitivas do indivíduo, a resultante, o vetor final dos diferentes processos intelectivos. Refere-se à capacidade de identificar e resolver problemas novos, de reconhecer adequadamente as situações vivenciais cambiantes e encontrar soluções, as mais satisfatórias possíveis para si e para o ambiente, respondendo às exigências de adaptação biológica e sociocultural.

Sabe-se que a concepção de inteligência mudou ao longo da história, e que não existe consenso sobre a sua definição de acordo com os teóricos estudados, apesar de intuitivamente julgar, identificar e classificar pessoas e animais como mais ou menos inteligentes. Contudo, ressalta Pasquali (1996) que a classificação nos testes de inteligência somente é aferida em testes coletivos ou testes individuais. Sendo assim, ele afirma que:

Tem sido sobretudo avaliada através de tarefas envolvendo a compreensão, o raciocínio e a resolução de problemas, em conteúdos diversos (verbal, numérico, abstrato, espacial) e onde o que está mais particularmente em causa são os processos cognitivos associados ao relacionamento da informação e à aplicação de leis, princípios e relações inferidas (PASQUALI 1996 p. 204).

Assim, o presente trabalho surge no sentido em que pretende discutir as diferentes concepções de inteligência, apresentando os pontos de divergência e concordância entre as teorias psicológicas que abordam esse tema.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral discutir a evolução de inteligência e seus pressupostos teóricos que vai de inteligência cognitiva à inteligência emocional. Abrange também os conceitos da inteligência científica, mais conhecida por QI, conceituada por Santos (2017, p.9) da seguinte forma:

Lewis Terman (1877-1956), um psicólogo americano que trabalhava na Stanford University, [...] foi quem primeiro se utilizou do conceito de “quociente intelectual” (QI), atribuído ao psicólogo alemão Willian Stern, como um indicador de inteligência. O Q.I. é um índice numérico que

descreve o desempenho relativo em um teste. Compara o desempenho de uma pessoa com o de outras da mesma idade. Os Q.I. podem ser calculados de diferentes maneiras.

Da mesma forma pretende-se analisar a Inteligência Emocional com ênfase na obra de Daniel Goleman, bem como a aplicação dos estudos da inteligência na atuação do psicólogo. Vale ressaltar que:

Daniel Goleman, psicólogo PhD de Harvard, é o autor de Inteligência Emocional. Afirma que temos dois tipos de inteligências distintas. A tradicional que pode ser medida através de testes de QI e a inteligência emocional QE. Afirma que o sucesso se dá: 20% devido ao QI e 80 % devido ao QE. (SANTOS 2017 p. 13).

Já nos primórdios da humanidade, época dos primeiros filósofos, o homem já se mostrava preocupado em decifrar a essência da inteligência. Para isso, muitos destes filósofos, dedicaram seu tempo a fim de estudar esse princípio do desenvolvimento intelectual e, desta forma, aperfeiçoavam seus conceitos sobre o tema e desenvolveram alguns testes que eram utilizados para a aferição dos diferentes níveis da inteligência humana.

A busca de colaborações teóricas que levem à ampliação destes conhecimentos é a principal justificativa deste projeto de pesquisa, pois através dos estudos e conclusões apresentados, que levará em conta os pressupostos teóricos relativos a história da inteligência, ter-se-á novas fontes de informações que contribuirão para a ampliação dos conhecimentos sobre a inteligência cognitiva e emocional do homem.

Visando a compreensão das mais diferentes concepções teóricas e metodológicas relacionadas ao tema desta pesquisa, seus resultados reverterão em importantes subsídios teóricos que poderão servir de auxílio para a avaliação das supostas evoluções do conhecimento e dos conceitos relacionados à inteligência.

No mundo moderno e globalizado no qual estamos vivendo, as relações interpessoais, sociais, profissionais, econômicas, políticas e até mesmo virtuais se ampliam a cada dia e, assim, exercem grande influência nas ações e no comportamento humano. Assim, a inteligência emocional tem adquirido enorme importância para o sucesso pessoal. Neste mundo frenético que exige de nós grande habilidade em lidar com as mais diferentes situações, sejam elas no convívio familiar, social ou profissional, saber se relacionar com outras pessoas de forma

inteligente, paciente e emotiva é fator essencial para o bom convívio e, assim, é premissa fundamental para o sucesso pessoal e profissional.

Esta investigação científica, portanto, é um desafio que buscará subsídios para potencializar e desenvolver o entendimento de nossas emoções, bem como a busca de informações que nos levem a aprender a reconhecê-las e expressá-las de forma adequada, o que, por sua vez, poderá contribuir para a melhora da nossa capacidade e habilidade de agir inteligentemente diante das intensas relações interpessoais a que somos submetidos diariamente.

Para a comunidade acadêmica, o estudo aqui referenciado se justifica à medida que destacou a importância dos estudos sobre a inteligência cognitiva e emocional e, assim, fornecer aos seus leitores experiências que possam auxiliar na análise das mais diversas situações e olhares na qual essas inteligências se tornam ferramentas essenciais para a atuação profissional do psicólogo.

Como os estudos e conhecimentos adquiridos durante a graduação evidenciaram a necessidade de o psicólogo agir com empatia e jamais se voltar para a mensuração da dor e ao julgamento dos seus pacientes, os estudos propostos nesta pesquisa servirão para demonstrar a quem dela fizer uso, que o desenvolvimento de uma educação emocional é meta imprescindível para a formação de excelentes profissionais.

Da mesma forma, os resultados deste trabalho também voltar-se-ão para a demonstração de como a inteligência emocional pode influenciar e impulsionar o sucesso pessoal, interpessoal, profissional e, na mesma medida, fortalecer e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Além disso, ressalta-se que, não somente pelos conteúdos que foram apresentados como forma do enriquecimento cognitivo, intelectual e emocional da pesquisadora, mas, principalmente, por fornecer informações fundamentais que possam auxiliar os futuros acadêmicos de psicologia e de outras áreas do conhecimento a se tornarem profissionais mais competentes e preparados para servirem de forma eficiente a sociedade à qual prestarão seus serviços e, desta forma, alcançarem mais sucesso e se tornarem mais felizes e realizados. Levando-se em consideração os estudos de Campos (2012) apud PASQUALI (2002), a tarefa de desenvolver o tema escolhido não se mostra uma tarefa fácil.

Tratando-se de um constructo amplo com diferentes visões e definições do fenômeno, a presente pesquisa pretende criar meios para a autora e seus leitores

poderem ter uma melhor compreensão do tema e, assim, este trabalho terá como preocupação central elucidar: Como se construiu historicamente o conceito de inteligência em suas diversas abordagens, considerando principalmente a inteligência emocional?

Em relação aos objetivos desse trabalho, destaca o objetivo geral que visa estudar o tema através da análise dos conceitos históricos da inteligência com foco na inteligência emocional, incluindo o aperfeiçoamento das práticas na atuação profissional do psicólogo. Já os objetivos específicos buscam estudar os pressupostos teóricos relativos à história da inteligência; caracterizar os estudos da inteligência, considerando sua evolução conceitual nas ciências humanas; interpretar as influências da inteligência emocional no desenvolvimento social e profissional do ser humano; compreender a importância da inteligência humana, em especial a inteligência emocional, para as relações interpessoais no convívio em sociedade e analisar os diversos olhares voltados à inteligência na atuação profissional no psicólogo.

Então pelo exposto, a pesquisa para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso foi realizada por meio de livros, artigos, produções acadêmicas e sites que possuam informações relevantes sobre o contexto da temática estudada.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 História da Inteligência

De acordo com Blanco et al (2017) apud Passos e Ferreira (2016) a palavra “inteligência” se originou do latim *intelligentia*, (*inter*) entre e (*eligere*) escolher, ou seja a inteligência pode ser considerada como a capacidade de fazer uma escolha que seja julgada a melhor ou mais correta.

O mesmo autor supracitado encontra a definição de inteligência no dicionário de Psicologia (Associação Psicológica Americana, 2010), tal qual a “capacidade de extrair informações, aprender com a experiência, adaptar-se ao ambiente, compreender e utilizar corretamente o pensamento e a razão”.

Para a autora Candeias et al (2008) o estudo científico da inteligência se confunde com a própria origem da psicologia enquanto ciência:

A inteligência aparece como um dos construtos mais estudado pela psicologia. Por outro lado, sendo certo o seu estudo desde a biologia à antropologia, certo que a psicologia detém um papel dominante na produção científica na área, assim como nas aplicações sociais na base deste construto (CANDEIAS et al 2018 p.7).

A compreensão da palavra inteligência vem mudando ao longo da história e seus autores ainda não chegaram a um acordo sobre sua definição. Desta forma destaca Novikobas e Lamari Maia (2017 p.1).

A inteligência humana é um objeto de estudo muito complexo por se tratar de um conceito ainda a ser definido. Explicar sua origem, como funciona, se desenvolve e a sua estrutura é o objeto de estudo e pesquisa de muitos autores que atuam em áreas do conhecimento como a psicologia, neurociência, filosofia, entre outras.

A partir de então vários foram os acontecimentos que ocorreram através da história que tentam dar uma explicação a respeito da trajetória da inteligência. Dentre eles. Passos e Ferreira (2016) definiram que a história da inteligência surgiu

por volta de 500 a.C, baseando-se nas escrituras de Sun Tzu que continham relatos sobre a inteligência associados às estratégias militares nos campos de batalha.

Miranda (2002), por exemplo, acredita que o paradigma biológico da inteligência tenha as suas raízes no século de ouro da Grécia Antiga, em que Hipócrates (460-377, a.C), referiu-se à cabeça, ao cérebro, como sede do pensamento.

Cave (2017) acredita que a história da inteligência começa com Platão, que atribui um alto valor ao pensamento. Vivendo em um mundo fantasioso e místico Platão afirmava que a verdade só seria estabelecida através da razão. Acreditava que o governante deveria ser filósofo, pois apenas os mais espertos deveriam governar.

Aristóteles, aluno de Platão, enxergava o homem pensante como uma hierarquia social natural, ou seja, obvio e natural, e que algumas pessoas devem governar e outros serem governados. Para ele os escravos eram como animais estúpidos e não humanos, cabendo aos homens instruídos governar e dominar as classes mais baixas (CAVE, 2017).

Discordando de Aristóteles, René Descartes atribuía a inteligência apenas à humanidade, usando a teologia cristã fazia da inteligência propriedade da alma, centelha do divino feita da imagem e semelhança de Deus (CAVE, 2017).

Abraçando a ideia de que a inteligência define a humanidade Kant filósofo influente na época do iluminismo, acreditava que apenas os seres racionais eram considerados pessoas e tinham posição moral. Os irracionais, recebiam valores relacionados com o meio e eram classificados como coisas. Para ele, as pessoas inteligentes tinham valor e dignidade. Mesmo usando argumentos mais sofisticados, pensava como Aristóteles, em que existiam mestres e escravos naturais e a inteligência era o que os distinguiu (CAVE, 2017).

Ainda no iluminismo, século XVII, a teoria frenológica de Franz Joseph Gall (1758-1828) contextualiza o fato de que cada faculdade mental se localiza em uma parte do córtex cerebral e a configuração do crânio reproduzindo no cérebro a localização das funções cognitivas. Desta forma, o tamanho de cada parte é diretamente proporcional ao desenvolvimento das faculdades mentais (Miranda 2002). Explicada aqui por Pinheiro (2005), o termo frenologia que poderia determinar a natureza das predisposições do indivíduo.

O termo frenologia (do grego phrén, phrenós = alma, inteligência, espírito), foi cunhado por Johann C. Spurzheim (1776-1832); enquanto colaborador de Gall, ele o ajudou a disseminar suas ideias nos Estados Unidos e na Europa. [...] a crença de que o formato da cabeça é determinante na forma de pensar é muito anterior à Idade Média, quando se tinha por hábito moldar o crescimento da cabeça das crianças que estavam destinadas a ocupar posições importantes e diferenciadas na sociedade, como sacerdotes e chefes (PINHEIRO 2005 p.184).

De acordo com Miranda (2002) a teoria neuropsicológica de D. Hebb distingue a Inteligência entre “A” e “B”: em que “A” corresponde ao potencial inato, não observável ou mensurável, ou seja, seu desenvolvimento depende do sistema nervoso central; “B” como sendo observável e mensurável, ou seja, resultado da interação da Inteligência “A” com o meio, isto é, o fenótipo. Pinheiro 2005 expõe a teoria que explica o termo:

O termo neuropsicologia foi utilizado pela primeira vez em 1913, mas o seu desenvolvimento começou nos anos 40, a partir dos trabalhos de Hebb. Em 1949, este autor propôs uma teoria de funcionamento do córtex cerebral a partir de conexões neuronais modificáveis, isto é, cujas possibilidades de conexão de umas com as outras são múltiplas. Em outras palavras, Hebb propôs uma “teoria para a memória com base na plasticidade sináptica”; esta teoria, em síntese, admite que a transmissão de mensagens entre os neurônios pode ser regulada, não sendo um fenômeno rígido e imutável, mas algo modulável de acordo com as circunstâncias. (PINHEIRO, 2005, p.188).

Seguindo a concepção de Costa e Araldi (2015, p. 18) “Os primeiros esforços da psicologia no estudo da inteligência surgiram da vontade dos pesquisadores da época em medi-la”. Então, juntamente com o nascimento da psicologia moderna podemos também acompanhar o desenvolvimento da psicometria e compreendermos as primeiras definições psicológicas do que é inteligência (COSTA; ARALDI, 2015).

Inspirado pelo primo famoso Charles Darwin que inventou a teoria da evolução da espécie, Sir Francis Galton tornou-se pai da psicometria acreditando que a capacidade intelectual era hereditária e poderia ser melhorada através da criação seletiva, incentivando os mais capazes a se reproduzirem. Desta forma, a eugenia e o teste de inteligência nasceram juntos (CAVE, 2017).

Charles Spearman, psicólogo britânico do início do século XX, foi o pioneiro no estudo quantitativo da estrutura da inteligência e no uso da técnica da análise fatorial. Em seus estudos, considerou que a capacidade intelectual é composta por dois componentes: um geral ou g, comum a toda atividade mental e outro específico

ou s, característico das especificidades de cada atividade (CANDIAN; SANTOS, 2013, p. 16 apud ANDRÉS-PUEYO, 2006).

Em 1890 Catell criou a palavra teste mental que consistia em um conjunto de tarefas criadas para avaliar os níveis intelectuais de estudantes. Nada que se possa comparar com a ideia de que temos sobre inteligência hoje em dia, pois, consistia em aspectos sensórios motores. Mesmo assim popularizou o termo teste mental e o uso da psicometria (COSTA; ARALDI, 2015).

Psicometria ou avaliação psicológica é uma área da psicologia que faz uma ponte entre campos do saber aparentemente díspares: a estatística e a psicologia. Ela consiste em um conjunto de técnicas empregadas para mensurar, transformar em números ou medidas atributos, habilidades, comportamentos (COSTA; ARALDI, 2015, p.18).

A teoria de Cattell em parceria com Horn foi desenvolvida para descrever a estrutura da inteligência conhecida como teoria das inteligências fluida (Gf) e cristalizada (Gc), definida por Candian; Santos (2013, p. 17 apud ANDRÉS-PUEYO, 2006; SILVA, 2003) como:

A inteligência fluida (Gf) pode ser definida como a capacidade do indivíduo de adquirir conhecimento, ou seja, refere-se à capacidade de aprender sem a dependência de conteúdos previamente adquiridos. Trata-se de um tipo de inteligência influenciada fortemente por fatores biológicos (ação dos genes, funcionamento cerebral, nutrição). Já a inteligência cristalizada (Gc) refere-se ao tipo de habilidade determinada pelos conhecimentos adquiridos anteriormente e por influências culturais e educacionais. Pode-se afirmar que se desenvolve ao longo da vida, ou seja, ela é originária de um processo cumulativo de aquisição de conhecimento.

Outro grande representante na maneira de mensurar a inteligência foi Binet, que, em 1904, a partir da demanda do governo francês desenvolveu a escala de inteligência, que nada mais é que um teste criado para avaliar e detectar atraso no desenvolvimento intelectual e de idade mental em crianças e adultos (COSTA; ARALDI, 2015).

Os testes de Binet continham 30 (trinta) problemas apresentados em ordem crescente de dificuldade e mediam a capacidade de compreensão, invenção, persistência e análise crítica, que, segundo o autor eram os quatro componentes essenciais da inteligência (GARUTTI, 2012, p. 295).

Com Novikobas e Lamari Maia (2017, p.1) encontramos autores que contribuíram com teorias renomadas atualmente e de grande persuasão científica, como a de Jean Piaget e sua teoria psicogenética:

A teoria psicogenética de Piaget apresenta uma concepção bastante peculiar de desenvolvimento, ao considerá-lo um processo de organização e reorganização estrutural, de natureza sequencial e ocorrendo em estádios independentes de idades cronológicas fixas. Além dos fatores clássicos explicativos do desenvolvimento (biológico e ambiental), Piaget (1967/1973, 1975) propõe a equilibração (ou auto regulação) como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento cognitivo, definindo-a como um processo em que o sujeito reage ativamente às perturbações que o ambiente oferece, compensando-as de modo a anulá-las ou a neutralizá-las de alguma forma. Segundo a teoria, todo ser vivo tende a organizar os próprios esquemas/estruturas de conhecimento para lidar com o ambiente; e todo ser vivo tende a adaptar-se ao ambiente, mediante os processos de assimilação – incorporação aos esquemas/estruturas das propriedades presentes no ambiente – e acomodação – modificação de esquemas/estruturas para ajustá-los às exigências ambientais. Assim, todo ato inteligente pressupõe um esquema de assimilação ou uma estrutura que permite ao sujeito organizar o mundo e compreendê-lo (CHAKUR, 2005, p. 291).

O objetivo básico desta teoria era o estudo da inteligência infantil utilizada também para a melhor compreensão do pensamento científico do adulto. Binet e Simon concluíram, com os testes, que as crianças, apesar de seguirem o mesmo desenvolvimento intelectual, apresentavam taxas diferentes desse desenvolvimento variando de acordo com a idade. Sendo assim, a partir desta perspectiva, criou-se o conceito de idade mental (PARO, 2006).

Dando continuidade, Campos (2017) ressalta outro importante nome no estudo da inteligência, David Weschsler que constituiu um quociente unitário de capacidade ou uma unidade global, destacando que a inteligência era entendida como a capacidade de agir propositadamente, como se fosse parte da personalidade.

As escalas Weschsler, é um dos testes mais utilizados mundialmente. Possui três versões: Escalas Weschsler para criança (WISC): Escalas de inteligência Weschsler para adultos (WAIS) e Escalas de inteligência Weschsler para primeira infância (WPPSI) (CAMPOS, 2017).

Vygotsky, também contribuiu para a teoria da aprendizagem, mesmo não acreditando que a diferença de QI seja um determinante.

Para compreender melhor Silva, (2013) ressalta que Vygotsky acredita que o conhecimento se desenvolve a partir das experiências dos indivíduos e que a relação com o meio social contribui para isso. Já na interpretação de Blanco (2017):

Vygotsky apresenta como ideia principal o fato de que a inteligência se desenvolve a partir da experiência social que o sujeito adquire em suas interações com os adultos, resultando em fortes efeitos no desenvolvimento de suas capacidades intelectuais. De acordo com Neves e Damiani (2006), Vygotsky não nega o fato de existirem diferenças entre os indivíduos, e que uns se encontrem em uma maior predisposição a realizar certas atividades do que outro seja devido ao fator físico ou mesmo o genético (BLANCO et al, 2017 p.3).

Segundo da Silva (2007) Sternberg definiu a inteligência como a capacidade de dominar e processar informações assim, como, emitir resposta apropriada a essas determinadas informações, resultando em um balanço subjetivo de três habilidades: analíticas, criativas e práticas assim denominadas:

Por habilidades analíticas Sternberg entende as que são utilizadas para analisar, julgar, avaliar, comparar ou contrastar partes de informação. Nestas habilidades estão incluídas as que são exploradas e valorizadas academicamente na resolução de problemas e que são medidas pelos testes psicométricos Por habilidades criativas entende as que são usadas para criar, inventar, descobrir, imaginar objetos e ideias, as que correspondem à reação a novas situações e que, por isso, implicam a mobilização das estruturas mentais na procura de novas soluções. Por fim, por habilidades práticas, o autor considera as que são utilizadas para aplicar, pôr em prática, usar o que se aprendeu em situações formais e informais do cotidiano (DA SILVA, 2007, p.122).

Segundo a autora supracitada, o sucesso do conhecimento dessas habilidades, analíticas, criativas e práticas, faz com que a inteligência aumente e se desenvolva. “Sternberg acredita que inteligência é maleável, plástica e por isso pode ser modificada a partir de exercícios adequados” (DA SILVA, 2007, p.123).

A teoria triárquica da inteligência de Sternberg, desenvolvida na década de 80, concorda com a teoria das inteligências múltiplas de Gardner e com a inteligência emocional de Daniel Goleman.

Howard Gardner, precursor da teoria das inteligências múltiplas. Segundo Blanco et al (2017) a Teoria das Inteligências Múltiplas é entendida como um conjunto de habilidades mentais, talentos e capacidades que todas as pessoas possuem, sendo possível diferenciar somente o nível de cada um. Gardner (1995, p.21) ressalta a inteligência:

(...) implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a solução adequada para esse objetivo.

Novikobas; Lamari Maia, (2017) acredita que Gardner tentando ampliar e defender uma inteligência que não pode ser mensurada, classificou como inteligência o potencial de processar informação a partir do meio cultural em que vivem, permitindo-lhes resolver seus problemas e criar valiosos produtos.

Segundo Queirós (2012) o surgimento da teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner, pressupõe a existência de uma multiplicidade de inteligências, onde, em cada uma delas, existe uma maneira subjetiva de pensar, refletir e processar informações. Logo, todos têm potencial e capacidade para desenvolver todas as inteligências, mas dependerá da carga genética e dos estímulos de pessoas e ambiente com os quais interage. Além disso, com relação ao nível de inteligência, salienta-se:

A teoria das IM não é uma “teoria de tipos”, para determinar qual inteligência se ajusta. Ela é uma teoria do funcionamento cognitivo, e propõe que cada pessoa tem capacidades em todas as inteligências (...). Gardner sugere que praticamente todas as pessoas podem desenvolver todas as oito inteligências num nível razoável de desempenho, desde que recebam estímulo, enriquecimento e instrução apropriados (QUEIRÓS, 2012, p.19 apud ARMSTRONG, 2001).

Por inteligência emocional entende-se o conjunto de habilidades para compreender, gerenciar e expressar os valores e aspectos sociais e emocionais da vida de alguém e que permite o manejo bem-sucedido de tarefas da vida, tais como: formação de relacionamentos, solução de problemas do dia a dia e adaptação às complexas demandas e exigências do crescimento e desenvolvimento (BLANCO et al 2017 apud BERGAMINI, 1996).

Dentre todas as definições de inteligência, Paro (2006 apud Da Silva 2003) ressalta que existem duas características que são comuns: a inteligência que tem a capacidade de aprender, baseada na experiência e entendida pela pessoa e seus pensamentos; e a inteligência que é a capacidade de se adaptar e se ajustar ao ambiente, nos diversos contextos sociais.

2.1.2 A Inteligência nos Diversos Enfoques:

Durante muito tempo foram várias as tentativas com o intuito de entender a natureza da inteligência, porém não houve um consenso de chegar a uma única teoria (PARO 2006 apud Binet e Simon 1916). Alguns tentavam entender a inteligência através de análise de resultados de testes, tentando entender e identificar habilidades. Outros, acreditavam que a inteligência possui outras habilidades não identificadas por teste. (PARO, 2006 apud STERNBERG, et al,1981).

Então, como conceituar a inteligência? Responder a esta pergunta não é uma tarefa simples e exige a análise de muitos conceitos e reflexões acerca do tema, pois, da mesma forma que encontramos diferentes modos e níveis do ser “inteligente,” temos muitas diferentes formas de conceituar a inteligência. Dado a complexidade do tema, a tarefa de conceituar a inteligência de forma que receba a aprovação da maioria dos pesquisadores, nos parece uma tarefa impossível (PARO, 2006 apud STERNBERG & DETTERMAN, 1986).

Ao longo dos anos, os debates em relação aos conceitos de inteligência suscitaram muitas dúvidas entre os pesquisadores: seria a inteligência hereditária, adquirida, ambiental ou uma combinação destes aliados a outros fatores? Estas dúvidas levaram ao surgimento de diferentes enfoques sobre a inteligência humana que, por sua vez, resultaram em diferentes formas de conceituação deste tema (PARO, 2006 apud GRIGORENKO, et al 2000).

Diante disso, passaremos a abordar algumas das muitas teorias que procuram conceituar e explicar as diferentes formas de inteligências que encontramos na literatura disponível referente a esta temática.

2.1.2.1 Inteligência geral

Mesmo antes de Binet e Simon, o homem tem se esforçado para explicar a inteligência e, para facilitar este processo, tem desenvolvido vários testes de inteligência. No início de 1900, Spearman influenciou muitas teorias com uma importante observação; notando a existência de uma correlação nos testes de habilidade mental, no qual um indivíduo que se saísse bem em um dos testes, geralmente sair-se-ia bem em todos os outros (PARO, 2006).

Dessa forma, Spearman concluiu que deveria haver uma variável comum ou um fator que produziria essas conexões. E, em 1904, publicou um artigo usando dados estatísticos e mostrando as correlações positiva existentes entre os testes e o resultado de um fator implícito comum (PARO, 2006).

Diante dessa evidência, seu método provocou o desenvolvimento de uma técnica estatística mais sofisticada, conhecida como análise fatorial:

A utilização da análise fatorial permite identificar agrupamentos de testes que medem uma habilidade comum. Baseado na análise fatorial, Spearman propôs que dois fatores pudessem responder por diferenças individuais nos resultados de testes psicológicos. Ele chamou o primeiro fator de inteligência geral ou fator geral, representado como *g*. De acordo com Spearman, *g* está abaixo de todas as tarefas intelectuais e habilidades mentais. O fator de *g* representava o que todos os testes psicológicos tinham em comum. O segundo fator que Spearman identificou era o fator específico, ou *s*. O fator específico relacionava-se a qualquer habilidade particular solicitada num teste. Spearman e seus seguidores colocaram muito mais importância na inteligência geral que no fator específico (PARO, 2006, p. 9, apud Da SILVA, 2003, 2005; SPEARMAN, 1904).

É relevante frisar que Spearman apresentou a teoria dos dois fatores da inteligência conhecida como bi fatorial, comparando e concluindo que qualquer medida do desempenho de inteligência estaria relacionada com o nível de inteligência geral e habilidades específicas do indivíduo (SCHELINI, 2006 apud AIKEN et al, 2000).

Fica evidente, de acordo com Paro (2006), que Spearman definiu e discutiu o fator *g* ao longo de sua vida, sugerindo, posteriormente, que *g* poderia medir um poder mental e ou energia. Enquanto outros pesquisadores, que continuaram investigando o fator *g*, especulavam possíveis relações com as propriedades básicas do cérebro e a eficiência neural.

Por exemplo, Louis L. Thurstone, psicólogo americano, sugeriu, em 1938, a inexistência da inteligência como fator *g*. Para ele, a inteligência tratava-se de um conjunto de fatores independentes, igualmente importantes. A estes fatores, ele denominou de fatores de habilidades mentais primárias identificando-as através de uma bateria de testes, contendo 56 testes diferentes (PARO, 2006).

Através dessa nova bateria de testes propostos por Thurstone, foram identificadas sete habilidades que ele identificou como; compreensão verbal, fluência verbal, raciocínio indutivo, visualização espacial, raciocínio numérico, memória e rapidez perceptiva (PARO, 2006).

Posteriormente, Thurstone também supôs que os fatores não seriam totalmente independentes e que eles poderiam estar, sim, relacionados, e acabou concluindo que seus testes mediam o mesmo fator *g* descrito anteriormente por Spearman (PARO, 2006, apud THURSTONE, 1938).

2.1.2.2 Inteligência fluida e inteligência cristalizada

Em 1942, Raymond Cattell, analisando as correlações entre as capacidades primárias de Thurstone e o fator *g* da teoria bi fatorial de Spearman, constatou a existência de dois fatores gerais. Alguns anos depois, John Horn confirmou os estudos de Cattell e os fatores gerais passaram a ser designados como “inteligência fluida e cristalizada” (SCHELINI, 2006 p. 324 apud CATTELL, 1998).

Para melhor definir a inteligência Fluida esta relacionada a fatores biológicos e está associada a componentes não verbais, pouco dependentes de conhecimentos previamente adquiridos e da influência de aspectos culturais. (PARO; SCHELINI, 2006).

Já a inteligência cristalizada é o conhecimento e habilidades obtidas através da aprendizagem e experimentação e representa os tipos de capacidades exigidas na solução da maioria dos complexos problemas cotidianos, sendo conhecida como “inteligência social” ou “senso comum” Esta inteligência seria desenvolvida a partir de experiências culturais e educacionais (PARO; SCHELINI, 2006).

Apesar da inteligência fluida e da inteligência cristalizada terem origem e natureza diferentes elas encontram-se Inter correlacionadas de forma moderada e positiva (Rosário 2014 p. 41 Brody, 2000; Brody & Brody, 1976). Nesta óptica, o desenvolvimento e a aquisição de aptidões dependem, não só das experiências educativas, como também do potencial intelectual do indivíduo, responsável pelo proveito dessas experiências (ROSÁRIO 2014 P. 41 apud ALMEIDA, 1988B, 2002; ALMEIDA et al, 2009).

Hoje em dia, a teoria de Cattell é vista como um aperfeiçoamento da teoria original de Spearman, e não como uma nova teoria (PARO, 2006). Da mesma forma, de modo geral, a teoria bi fatorial de Spearman já não é aceita. No entanto, o conceito fator *g* ou inteligência geral perdurou até aos nossos dias (ROSÁRIO, 2014 apud LUBINSKI, 2004).

Fica evidente, todavia, que este conceito tem sido recuperado por vários investigadores nas teorias sobre a estrutura da inteligência e, os testes elaborados

para a sua medida ocupam um lugar importante na prática psicológica (ROSÁRIO, 2014 apud ALMEIDA, 1988b, SIMÕES, 2000). Neste contexto Schelini (2006) ressalta que:

A teoria das capacidades cognitivas de Cattell-Horn-Carroll (teoria CHC) representa uma evolução do modelo dicotômico Gf-Gc, podendo ser descrita como uma integração, empiricamente avaliada, das concepções desenvolvidas por Raymond Cattell, John Horn e John Carroll. (SCHELINI 2006 p.328)

Para melhor definir, Primi (2002) ressalta que o modelo CHC tem como objetivo entender mais profundamente a natureza das funções cognitivas que são avaliadas. Esta teoria conhecida como CHC das Habilidades Cognitivas é resultante da integração das teorias de Gf-Gc (Inteligência Fluída e Cristalizada) e dos três estrados proposta por Mc Grew e Flanagan (1998).

Trata-se de uma visão hierárquica multidimensional das habilidades cognitivas que, segundo os pesquisadores da área, é uma das mais completas descrições que influenciaram os estudos da Inteligência das primeiras décadas deste século (PRIME, 2002).

Compreende uma visão multidimensional que envolve dez fatores ligados ao funcionamento cognitivo nos domínios da linguagem, raciocínio, memória, percepção visual, recepção auditiva, produção de ideias, velocidade cognitiva, conhecimento e rendimento acadêmico (PRIME, 2002 apud Carroll, 1997).

Os dez fatores segundo Prime (2002 apud Flanagan, McGrew e Ortiz 2000), e Flanagan e Ortiz (2001) são:

1. **Inteligência Fluída (Gf)**: refere-se à capacidade do uso mental para o rápido raciocínio frente a novas situações sem o uso de conhecimentos já adquiridos a fim da resolução dos novos problemas enfrentados.
2. **Conhecimento quantitativo (Gq)**: refere-se à habilidade de compreensão de conceitos e informações quantitativas como à capacidade de manipular símbolos numéricos.
3. **Inteligência cristalizada (Gc)**: compreende a quantidade dos conhecimentos e experiências adquiridos em determinada cultura e sua aplicação destes conhecimentos diante das mais diferentes situações sendo baseada, primariamente, na linguagem.

4. **Leitura e escrita (Grw)**: corresponde às habilidades de compreensão, interpretação, expressão de pensamentos e composição de textos escritos.
5. **Memória de curto prazo (Gsm)**: é a capacidade de guardar e recuperar informações por um curto espaço de tempo. Também compreende a capacidade de retenção de informações após a exposição de conteúdos simples.
6. **Processamento visual (Gv)**: é a capacidade de geração, compreensão, armazenamento, análise, manipulação e transformação de imagens visuais.
7. **Processamento auditivo (Ga)**: compreende às habilidades de percepção, análise, distinção e sintetização de padrões sonoros, em especial, em estruturas musicais complexas.
8. **Armazenamento e recuperação da memória de longo prazo (Glr)**: refere-se à habilidade de recuperação de ideias ou conceitos da memória de longo prazo através dos processos de associação.
9. **Velocidade de processamento (Gs)**: compreende a capacidade de resolução de tarefas comuns que exigem foco e atenção, de forma rápida, dentro de um tempo pré-determinado ou, também, a capacidade de desenvolver o maior número possível de tarefas simples e repetitivas dentro deste tempo.
10. **Rapidez de decisão (Gt)**: refere-se à habilidade do fornecimento de respostas corretas e rápidas aos problemas de compreensão e raciocínio.

Estes fatores apresentados estão organizados no segundo nível de uma escala hierárquica composta por três níveis (fig. 1). Numa camada abaixo deste nível, encontram-se aproximadamente setenta fatores específicos correspondentes a estes dez fatores amplos. Prime assim exemplifica estes subfatores ligados a inteligência fluída (Gf):

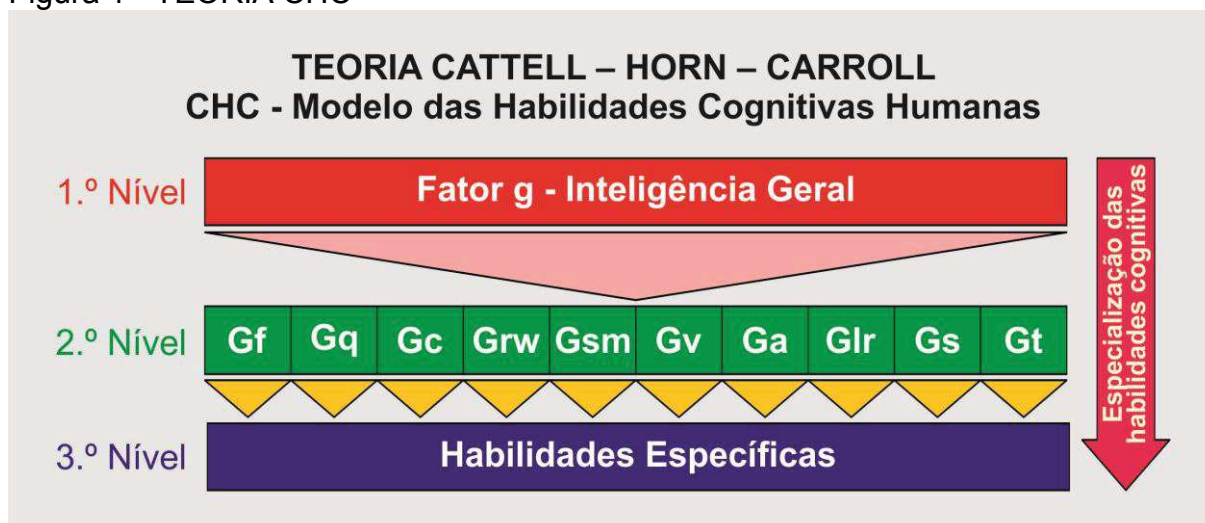
- a) Raciocínio sequencial geral (RG) ou raciocínio dedutivo, definido como uma habilidade associada ao raciocínio lógico sequencial, isto é, iniciar com regras, premissas e condições declaradas e engajar-se em um ou mais passos para chegar a solução para problemas novos.
- b) Indução (I) definida como uma habilidade para descobrir as características fundamentais ou basais (e.g. regras, conceitos, processos, tendências, pertinência a uma classe) que governam um problema,
- c) Raciocínio quantitativo (RQ) definido como a habilidade de raciocinar de maneira indutiva e dedutiva sobre conceitos que envolvem relações e propriedades matemáticas, e

d) Raciocínio piagetiano (RP) incluindo a habilidade para resolver os problemas de seriação, conservação, classificação e outras tarefas cognitivas definidas por Piaget. (PRIME, 2002, p. 83 e 84)

Já num nível acima destes fatores amplos, existe o chamado fator g, de Spearman, que representam a existência de uma associação geral entre todas as habilidades cognitivas.

O movimento do primeiro nível (fator g) ao terceiro nível (habilidades específicas), níveis desta hierarquia, representa o progressivo aumento da especialização das habilidades cognitivas diferenciadas dos componentes cognitivos gerais associados ao fator g (PRIME, 2002).

Figura 1 - TEORIA CHC



Fonte: FERREIRA JUNIOR, Breno de Castro et al adaptado por Vogel 2018.

2.1.2.3 Teorias do desenvolvimento progressivo de Piaget

Contrariando a maioria dos teóricos que estudaram sobre o desenvolvimento infantil, Piaget teve pouco interesse em diferenças individuais. Para ele a inteligência se desenvolve em todas as crianças através do contínuo equilíbrio e do desequilíbrio entre a assimilação de nova informação nas estruturas cognitivas existentes e a acomodação dessas estruturas diante de uma nova informação.

Para entender o desenvolvimento da inteligência, Piaget sugeriu métodos diferentes dos testes convencionais utilizados para avaliar a inteligência infantil. Desta forma Lampreia (1992, p. 31) destaca que:

Para realizar seu objetivo, Piaget procurou estudar crianças de diferentes idades, desde o nascimento até a idade adulta, para ver como evoluíam seus conhecimentos a respeito do mundo. Algumas noções básicas por ele estudadas foram, por exemplo, as noções de objeto, de espaço, de tempo e de causalidade. Seu argumento é que para se souber o que está envolvido nestas noções é preciso conhecer seu modo de formação ou gênese, não bastando estudá-las em sua forma final no adulto.

A teoria de Piaget apresenta uma concepção bastante particular a respeito do desenvolvimento, pois, ele considerou um processo de organização e reorganização estrutural, a partir de estruturas cognitivas, considerada, portanto, uma teoria estruturalista, que ocorrem em estágios independentes de idades cronológicas. Não é inata ou formada desde o nascimento, mas é passível de transformação, o que permite sua construção ou origem, tornando sua teoria construtivista (LAMPREIA, 1992).

Na perspectiva piagetiana, a inteligência é uma forma superior de adaptação biológica, que resulta da ação do sujeito sobre o mundo e da ação do mundo sobre o sujeito, como afirma Präss (2012, p. 14) sobre:

Assimilação e acomodação que são chamadas “invariantes funcionais” porque é característica de todo sistema biológico, apesar do conjunto variado desses sistemas. O comportamento é mais adaptável quando a acomodação e a assimilação estão equilibradas, mas tal equilíbrio é sempre temporário, porque o processo de adaptação revela imperfeições no sistema.

Para melhor definir “A assimilação ocorre sempre que um organismo utiliza algo do ambiente e o incorpora” e “A acomodação consiste na modificação das estruturas ou esquemas aos novos dados” (PRÄSS, 2012, p. 15).

É relevante ainda afirmar que o desenvolvimento é uma equilibração progressiva dos processos de assimilação e acomodação, que se expressa na passagem de estágios de menor equilíbrio para equilíbrio superior (ROSÁRIO 2014 apud PIAGET & INHELDER, 1979). Para compreender melhor na interpretação de Präss (2012, p. 16):

O conceito de “equilibração” foi, antes de tudo, a inspiração para a teoria de Piaget e é o seu princípio fundamental [...]. O processo pelo qual as estruturas mudam de um estado a outro se chama “equilibração” e o resultado deste processo é um estado de “equilíbrio”. O equilíbrio é sempre dinâmico e nunca absoluto, mas a consecução de um sistema relativamente equilibrado de ações é a conclusão esperada de cada uma das várias unidades de desenvolvimento.

Präss (2012), ainda ressalta que os “esquemas” formam uma espécie de estrutura, dentro da qual os dados sensoriais podem e devem se encaixar. Esta estrutura está em constante modificação, para melhor assimilar os dados. Ainda nesta linha de pensamento Präss (2012, p.15 apud WADSWORTH, 1996) define:

Os esquemas como estruturas mentais, ou cognitivas, pelas quais os indivíduos intelectualmente se adaptam e organizam o meio. Assim sendo, os esquemas são tratados, não como objetos reais, mas como conjuntos de processos dentro do sistema nervoso. Os esquemas não são observáveis, são inferidos e, portanto, são constructos hipotéticos.

Diante disso, Präss (2012) evidencia que os esquemas não são estruturas fixas, mudam continuamente tornando-se mais refinados.

Nesse contexto Piaget elaborou o desenvolvimento intelectual como um processo contínuo de organização e reorganização da estrutura, que se integra entre si mesma. Embora esse processo seja contínuo, o mesmo não condiz com os resultados que são qualitativamente diferentes, de tempos em tempos. Razão pela qual, Piaget dividiu o sentido do desenvolvimento em unidades como: “períodos”, “subperíodos” e “estágios” (PRÄSS 2012).

Para melhor compreensão Präss (2012 p. 17 apud BIAGGIO, 1976) resume bem os estágios propostos por Piaget:

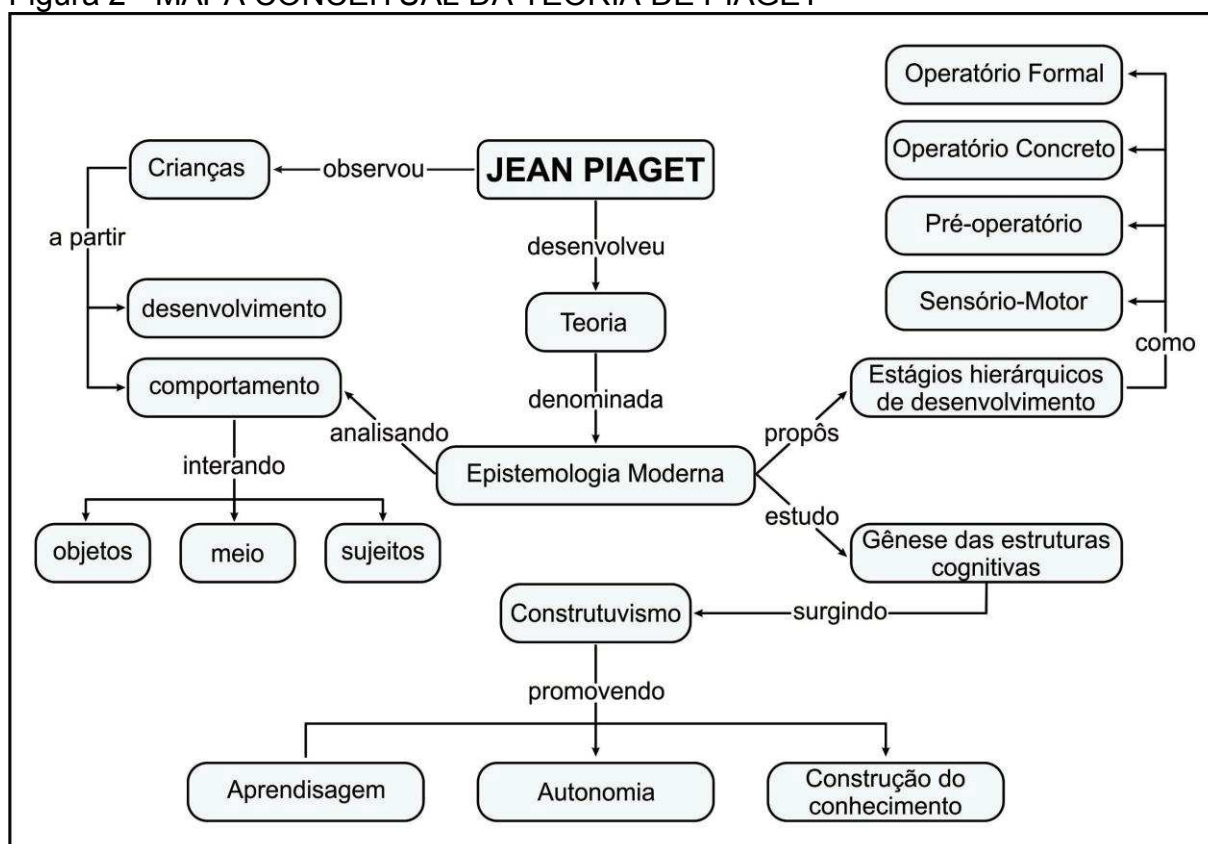
1. Estágio sensório-motor, aproximadamente de 0 a 2 anos: a atividade intelectual da criança é de natureza sensorial e motora. A principal característica desse período é a ausência da função semiótica, isto é, a criança não representa mentalmente os objetos. Sua ação é direta sobre eles. Essas atividades serão o fundamento da atividade intelectual futura. A estimulação ambiental interferirá na passagem de um estágio para o outro.
2. Estágio pré-operacional, aproximadamente de 2 a 6 anos: (Biaggio destaca que em algumas obras Piaget engloba o estágio pré-operacional como um estágio de operações concretas): a criança desenvolve a capacidade simbólica; “já não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos, mas já distingue um significador (imagem, palavra ou símbolo) daquilo que ele significa (o objeto ausente), o significado”. Para a educação é importante ressaltar o caráter lúdico do pensamento simbólico. Este período caracteriza-se: pelo egocentrismo: isto é, a criança ainda não se mostra capaz de colocar-se na perspectiva do outro, o pensamento pré-operacional é estático e rígido, a criança capta estados momentâneos, sem juntá-los em um todo; pelo desequilíbrio: há uma predominância de acomodações e não das assimilações; pela irreversibilidade: a criança parece incapaz de compreender a existência de fenômenos reversíveis, isto é, que se fizermos certas transformações, é capaz de restaurá-las, fazendo voltar ao estágio original, como por exemplo, a água que se transforma em gelo e aquecendo-se volta à forma original.
3. Estágio das operações concretas, aproximadamente dos 7 aos 11 anos: a criança já possui uma organização mental integrada, os sistemas de ação reúnem-se em todos integrados. Piaget fala em operações de pensamento ao invés de ações. É

capaz de ver a totalidade de diferentes ângulos. Conclui e consolida as conservações do número, da substância e do peso. Apesar de ainda trabalhar com objetos, agora representados, sua flexibilidade de pensamento permite um sem número de aprendizagens. 4. Estágio das operações formais, aproximadamente dos 12 anos em diante: ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. A criança se liberta inteiramente do objeto, inclusive o representado, operando agora com a forma (em contraposição a conteúdo), situando o real em um conjunto de transformações. A grande novidade do nível das operações formais é que o sujeito torna-se capaz de raciocinar corretamente sobre proposições em que não acredita, ou que ainda não acredita que ainda considera puras hipóteses. É capaz de inferir as consequências.

“Com Piaget inicia-se a abordagem epistemológica do estudo da inteligência, algo que permeia todo trabalho científico realizado ao longo de sua notável carreira” (CANDEIAS, 2008, p. 18).

Vale ressaltar que para Piaget, a biologia, a psicologia e a epistemologia se auxiliam de tal forma que compõe o núcleo teórico do modelo de mente que fundamenta a própria noção de inteligência (CANDEIAS, 2008).

Figura 2 - MAPA CONCEITUAL DA TEORIA DE PIAGET



FONTE: <http://cmapspublic.ihmc.us/rid/Piaget.cmap> / Adaptada por Vogel 2018.

2.1.2.4 Teoria da inteligência de Vygotsky

Outra forma de se compreender a inteligência é através da teoria de Vygotsky. De acordo com Medeiros (2016) Vygotsky acreditava na estrutura dos estágios descrita por Piaget, mas discordava na concepção de sua dinâmica evolutiva. Ou seja, Piaget defendia que a estruturação do organismo precede o desenvolvimento, já Vygotsky acreditava que é o próprio processo de aprender que gera e promove o desenvolvimento das estruturas mentais superiores. Vygotsky, portanto dá importância à dimensão social e interpessoal, na construção psicológica do sujeito (MEDEIROS, 2016).

A teoria histórico-cultural ou sociocultural do psiquismo humano de Vygotsky, também conhecida como abordagem sócio interacionista ou socioconstrutivismo, toma como ponto de partida as funções psicológicas dos indivíduos e é usado para fazer distinção entre a corrente teórica de Vygotsky e o construtivismo Jean Piaget (MEDEIROS 2016). Porém, Lopes (1996, p. 35), explica que ambos são construtivistas em suas concepções do desenvolvimento intelectual, ou seja:

Sustentam que a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio. Os dois se opõem tanto à teoria empirista (para a qual a evolução da inteligência é produto apenas da ação do meio sobre o indivíduo) quanto à concepção racionalista (que parte do princípio de que já nascemos com a inteligência pré-formada). Para o ser humano, segundo Vygotsky, o meio é sempre revestido de significados culturais. Por exemplo, o objeto armário (meio) não tem sentido em si. Só tem o sentido cultural que lhe damos, como ser útil ou inútil, valioso ou não, rústico ou sofisticado e assim por diante. E os significados culturais só são aprendidos com a participação dos mediadores. O fator cultural, básico para Vygotsky, e pouco enfatizado por Piaget, é a diferença central entre os dois teóricos construtivista. Ambos divergem também quanto à sequência dos processos de APRENDIZAGEM e de DESENVOLVIMENTO MENTAL. Para Vygotsky, é o primeiro que gera o segundo. Em suas palavras, "o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis". Piaget, ao contrário, defende que é o desenvolvimento progressivo das estruturas intelectuais que nos torna capazes de aprender (fases pré-operatória ou lógico-formal).

Em síntese, Vygotsky acredita que a vivência em sociedade é essencial para a transformação do homem, da construção, do conhecimento e do desenvolvimento mental e que os interesses pela psicologia estão relacionados com aspectos culturais (LOPES, 1996).

Além disso, “na teoria de Vygotsky, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado pelas relações sociais” (MEDEIROS 2016 p. 2).

E destaca que os estudos sobre a linguagem, considerada segundo Lopes (1996 apud MOLON, 1995 e 2003; BONIN 1996) são instrumento do pensamento humano. Paro (2006, p. 19 apud VYGOTSKY, 1984; 1989) ainda ressalta que:

A linguagem e pensamento aparecem desde cedo através de interações com os pais, e continua desenvolvendo ao longo da vida através do contato com professores e outras pessoas. Testes de inteligência tradicionais ignoram o que Vygotsky chamou de "zona de desenvolvimento proximal" que se relaciona ao nível de desempenho que uma criança pode alcançar com ajuda apropriada de um adulto. Tais testes são "estáticos" medindo só a inteligência que já é desenvolvida completamente. Prova "dinâmica" na qual o examinador provê avaliação e classificação, pode dar, posteriormente, alguma indicação do potencial da criança, porém a maioria dos testes psicométricos não é capaz de medir esse potencial.

Entre as expressões da linguagem encontramos a fala consigo mesmo, que Vygotsky considera como uma ligação entre linguagem e pensamento, e assim que a criança desenvolve esta fala, torna-se capaz de se organizar e dominar ações (ROMERO 2015 apud MIRANDA; SENRA, 2012).

Estes são os pilares básicos do pensamento de Vygotsky segundo (Romero 2015 apud Stadler et al, 2004):

1. As funções psicológicas, são produtos da atividade cerebral, por isso tem um suporte biológico. O cérebro é um sistema aberto, mutável. Suas estruturas são moldadas ao longo da história e do desenvolvimento individual do homem;
2. O funcionamento psicológico tem como base as relações sociais, dentro de um contexto histórico;
3. A cultura é parte essencial do processo de construção da natureza humana;
4. A relação homem-mundo é mediada por sistemas simbólicos. Entre o homem e o mundo existem elementos mediadores e ferramentas que auxiliam a atividade humana.

Ainda na mesma linha de pensamento, Lopes (1996) evidencia que a evolução intelectual de Vygotsky é caracterizada por saltos qualitativos de nível de conhecimento e, para explicar esse processo, desenvolveu um dos mais notáveis conceitos em psicologia do desenvolvimento cognitivo: a zona de desenvolvimento proximal, que definiu como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que

determina a solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou companheiros mais capazes. Lopes (1996), destaca da seguinte maneira:

Zona de Desenvolvimento Real: refere-se à etapa em que a criança soluciona os problemas de forma independente, porque já tem um conhecimento sólido.

Zona de Desenvolvimento Proximal: é uma metáfora criada para explicar como ocorre a aprendizagem. É a distância entre o desenvolvimento real e o potencial da criança

Mediador: é quem ajuda a criança a desenvolver um acontecimento que ela ainda não conseguiu sozinha.

Desenvolvimento Potencial: refere-se à etapa em que a criança está pronta para compreensão de problemas mais complexos e, mesmo não dominando, é capaz de realizar com auxílio de alguém mais experiente.

É importante frisar que para Vygotsky a linguagem é uma característica do conhecimento do mundo e a criança assim se constrói como sujeito. Sem linguagem, o ser humano não é social, nem histórico, nem cultural (CALUMBI, BARBOSA; CHICÓ, 2010).

Portanto, as funções psicológicas, ações e pensamentos inteligentes, como pensar, refletir, organizar são construídas pelo homem ao longo da história social (ROMERO, 2015 apud STADLER et al, 2004).

2.1.2.5 Teoria das inteligências múltiplas de Gardner

Howard Gardner é considerado o precursor da teoria das inteligências múltiplas. Segundo Blanco et al, (2017) a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, é entendida como um conjunto de habilidades mentais, talentos e capacidades que todas as pessoas possuem, sendo possível diferenciar somente o nível de cada um. Segundo Gardner (1995, p. 21) a inteligência:

(...) implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a solução adequada para esse objetivo.

Novikobas e Lamari Maia (2017) acreditam que Gardner, tentando ampliar e defender uma inteligência que não pode ser mensurada, classificou como inteligência o potencial de processar informação a partir do meio cultural em que vivem, permitindo-lhes resolver seus problemas e criar valiosos produtos.

As chamadas inteligências múltiplas correspondem às diferentes formas de inteligências abordadas por uma equipe de investigadores da Universidade de Harvard, sob a liderança do psicólogo Howard Gardner, que objetivam analisar e encontrar uma forma mais adequada de se descrever o conceito de inteligência (PARO, 2006).

Assim, na década de 1980, uma equipe de investigadores da Universidade de Harvard, sob a liderança de Gardner, objetivando analisar e encontrar uma forma mais adequada de se descrever a inteligência, analisaram e avaliaram os conceitos de inteligência que anteriormente eram definidos através de testes psicológicos. Como ficou evidente para ele que os testes não avaliavam corretamente todo o potencial dos seres humanos, Gardner se opôs à teoria de Spearman, acreditando que nós não temos uma inteligência geral, mas, ao invés disso, temos inteligências múltiplas, e ainda que cada uma delas parta de um sistema independente no cérebro (PARO, 2006 apud GARDNER, 1994).

Os estudos de Gardner foram decisivos para a substituição do paradigma unidimensional pelo multidimensional. Vemos, no entanto, que:

Para a formulação de sua teoria, Gardner colocou menos ênfase em explicar os resultados de testes psicológicos. Ele utilizou fontes diversas de evidência para determinar o número de inteligências na teoria dele. Por exemplo, ele examinou estudos de pessoas com uma lesão cerebral que tinham perdido uma habilidade, como pensamento de espacial, mas haviam retido outro, como o idioma. O fato de duas habilidades poderem operar independentemente uma da outra sugeriu a existência de inteligências separadas (PARO, 2006 apud DA SILVA, 2003, 2005).

A ideia da multiplicidade da inteligência parte do princípio de que o ser humano não possui uma única inteligência mensurável, ao contrário possui múltiplas capacidades ou talentos que podem ser desenvolvidos (PARO 2006). Esse autor ressalta ainda que Gardner acredita que a competência humana é superior quando considerada um conjunto de habilidades ou capacidades mentais chamadas de Inteligências (PARO, 2006).

Gardner, então, a partir do desejo de selecionar inteligências que tenham competências biológicas e que sejam valorizadas em um ou mais ambientes culturais, esboçou os pré-requisitos e os critérios para selecionar as inteligências que considerou genuínas (ROSÁRIO 2014).

Como já visto anteriormente, a palavra inteligência é composta pelos vocábulos *inter* (entre) e *legere* (eleger ou escolher), e definida como a capacidade que o indivíduo tem de fazer a melhor escolha quando estiver diante de duas ou mais situações. Desta forma os estudos desenvolvidos pela equipe de Gardner foram baseados sobre estas duas áreas e assim resultaram numa abordagem mais abrangente na qual definiram os seguintes tipos de inteligência: linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-sinestésica, naturalista, interpessoal e intrapessoal (PARO, 2006).

Assim, a seguir, verificaremos as descrições destas oito inteligências de Gardner ilustradas na figura 3.

2.1.2.5.1 A inteligência linguística

Esta inteligência refere-se à capacidade que o indivíduo tem de pensar e lidar com palavras e usar a linguagem para os processos em que necessite se expressar e avaliar significados complexos. Portanto, não se limita apenas à capacidade da oratória, mas também às habilidades de expressão através da escrita ou dos gestos (PARO, 2006).

Pessoas que desenvolvem este tipo de inteligência de modo geral se tornam ótimos comunicadores ou oradores, apresentam certa facilidade em aprender diferentes idiomas, uma vez que esta inteligência está relacionada à linguagem e às palavras. Paro (2006), considera que esta é a inteligência que se apresenta em sua forma mais completa.

A inteligência linguística integra também outras habilidades como: a semântica que corresponde à capacidade de lidar com os significados das palavras; a fonologia, capacidade de lidar com os sons do discurso; a sintaxe, desenvolvimento da capacidade de organização gramatical de frases; o pragmatismo, habilidades em usar de forma correta a linguagem na comunicação diária e na resolução de problemas (PARO, 2006).

Segundo Gardner, esta inteligência está associada ao lóbulo temporal esquerdo. Para essa tese baseou-se em estudos nos quais pacientes que apresentavam certas lesões específicas nesta região do cérebro apresentavam dificuldades nas atividades que exigiam discriminação fonológica ou pragmática no discurso (ROSÁRIO, 2014 apud KRECHEVSKY & GARDNER, 1994).

2.1.2.5.2 A inteligência lógico-matemática

Voltada para a capacidade de chegar à conclusões baseadas na razão, esta inteligência permite a resolução de cálculos, quantificação dos problemas, a possibilidade de considerar proposições e hipóteses e realizar operações matemáticas complexas. Corresponde, portanto, à capacidade lógica e matemática, assim como a capacidade científica (PARO, 2006).

A inteligência lógico-matemática associa-se às capacidades da apreensão e aplicação de atividades diretamente relacionadas aos números, princípios, quantidades ou símbolos. Ainda que esta inteligência tenha uma localização cerebral um tanto difusa, algumas áreas do cérebro, como os lobos parietais esquerdos e os lobos contíguos, apresentam-se mais importantes do que outras na sua manifestação (ROSÁRIO 2014). Por muitos anos, essa inteligência era a mais utilizada para mensurar a inteligência humana através da aplicação dos testes de QI (PARO, 2006).

Por envolver as habilidades ligadas ao uso de números e lógica, as pessoas que apresentam um bom desenvolvimento desta inteligência apresentam maior aptidão para o desempenho de profissões técnicas como as ligadas à engenharia, à pesquisa científica, à contabilidade, à estatística e à de análises.

2.1.2.5.3 A inteligência espacial

Inteligência desenvolvida a partir da percepção visual e espacial, à interpretação e criação de imagens visuais e à imaginação pictórica. Desenvolve a capacidade do pensamento tridimensional, como fazem pilotos, escultores, pintores, arquitetos, marinheiros, engenheiros e cirurgiões (PARO, 2006).

Uma pessoa que apresente esta inteligência tem a capacidade de perceber imagens externas e internas, desenvolvendo a aptidão da recriação e/ou

transformação das imagens, movimentação a si mesma e aos objetos através do espaço e consegue decodificar com certa facilidade as informações gráficas, como mapas. Também permite que o indivíduo, a partir de um mundo espacial, tenha a capacidade de criar um modelo mental que lhe permite agir utilizando estes modelos (ROSÁRIO, 2014).

A inteligência espacial relaciona-se com certas competências através das quais, o sujeito, a partir de uma informação visual ou espacial, tenha a capacidade de agir sobre esta informação recriando imagens visuais mesmo sem referência a um estímulo físico original (ROSÁRIO, 2014).

Rosário (2014 apud Almeida, 1994) destaca que existem dificuldades de se precisar qual a localização cerebral que esta inteligência se desenvolve. No entanto, para Gardner, o processamento da informação espacial envolve, em definitivo, o hemisfério direito. Corroborando com essa definição de Gardner a constatação que lesões nos lóbulos parietais e temporais do hemisfério direito causam certas dificuldades na atenção visual, nas atividades de representação e na orientação espacial, e, da mesma forma, dificultam ao indivíduo acometido desta lesão produzir imagens mentais e apresentam lapsos de memória (ROSÁRIO, 2014 apud KRECHEVSKY & GARDNER, 1994).

2.1.2.5.4 A inteligência cinestésico-corporal

Esta inteligência está ligada à utilização do próprio corpo para a resolução de problemas permitindo que a pessoa manipule objetos e sintonize habilidades físicas (PARO, 2006).

Relaciona-se, portanto, com a destreza que o sujeito apresenta em lidar com seu corpo (parte dele ou no seu global) e com os objetos envolvendo a motricidade, o controle motor ou coordenações dos movimentos, para solucionar problemas (bater uma bola de tênis) ou construir produções artísticas como o desenvolvimento de uma apresentação de dança (PARO, 2006 apud GARDNER, 2000).

O desenvolvimento desta inteligência, está de modo geral, relacionado com a experiência física e movimento, sensações e toque, sendo que a pessoa que a desenvolve tem maior aptidão para desempenhar as funções de dançarino, ator, esportista, mergulhador, bombeiro e motorista (ROSÁRIO, 2014).

Rosário (2014 apud GARDNER, 1983), explicita que as atividades de controle dos movimentos corporais encontram-se localizados no córtex motor. No caso dos destros, as competências nele envolvidas têm sido tradicionalmente encontradas no hemisfério esquerdo.

2.1.2.5.5 A inteligência musical

Ao desenvolver a inteligência musical o indivíduo apresentará aptidões que lhe permitirão produzir, compreender e identificar os diferentes tipos de som, reconhecendo padrões tonais e rítmicos (PARO, 2006).

De acordo com Paro (2006), em seus estudos Gardner afirma que assim como as demais inteligências esta também tem uma ligação biológica.

Este tipo de inteligência, considerada como rara, caracteriza-se pela habilidade de compor, apreciar ou mesmo reproduzir peça musical. Quem a desenvolve tem grande sensibilidade para detectar ritmos, sons e timbres musicais, que em geral, são desenvolvidas desde os primeiros anos de vida e tem facilidade em tocar instrumentos musicais e, em muitos casos, apresenta o dom de tocar um instrumento sem nunca tê-lo visto (ROSÁRIO, 2014).

A inteligência musical permite que o indivíduo consiga, através de suas competências, identificar melodias, ritmos e timbres, criar, comunicar e compreender significados (ROSÁRIO, 2014).

Estudos revelam que estes tipos de aptidões e seus processos e mecanismos subjacentes são desenvolvidas pelo hemisfério direito do cérebro (zona frontal e temporal) (ROSÁRIO, 2014 apud ALMEIDA, 1994).

Por outro lado, observando evidências de várias culturas ou até mesmo fazendo o vínculo com outras espécies (ex. canto dos pássaros), Gardner afirma que a aptidão da inteligência musical é uma faculdade universal que assume, inclusivamente, um importante papel unificador nas sociedades (ROSÁRIO, 2014 apud GARDNER, 1983, 2000).

2.1.2.5.6 A inteligência interpessoal

A inteligência interpessoal corresponde à capacidade que o ser humano tem de reconhecer e entender sentimentos, motivações, desejos e intenções presentes nas outras pessoas que se relacionam com ele (PARO, 2006).

Desta forma, esta inteligência desenvolve capacidades que permitem ao indivíduo manter relacionamentos sociais mais profícuos, pois está ligado ao contato humano, ao trabalho em equipe e à comunicação (ROSÁRIO, 2014).

A inteligência interpessoal é, portanto, na concepção de Rosário (2014) o desenvolvimento de aptidões que permitem ao ser humano compreender as outras pessoas, identificando os fatores que as motivam, as formas como exercem o seu trabalho, como se tornam mais cooperativas e interagir com elas (ROSÁRIO, 2014).

Pelo fato de que no mundo contemporâneo, a sociedade começou a compreender e reconhecer que existem grandes conexões entre a mente e o corpo, esta passou também a valorizar cada vez mais a importância do desenvolvimento das competências da Inteligência interpessoal (PARO, 2006).

Gardner define que a inteligência interpessoal está baseada na capacidade que o indivíduo tem de perceber os outros, em especial os seus sentimentos, temperamentos, motivações e intenções, mesmo quando não claramente manifestados. Isso já ocorria nas sociedades primitivas, como por exemplo, da necessidade de cooperação mútua para o bom êxito nas atividades de caça, e se intensifica na sociedade moderna através da coesão, liderança, organização e solidariedade nos grupos sociais como um processo natural (PARO, 2006 apud GARDNER, 2000).

2.1.2.5.7 A inteligência intrapessoal

Esta inteligência segundo Paro (2006) corresponde às aptidões que as pessoas desenvolvem para reconhecerem a si mesmos, através da percepção de seus sentimentos, motivações e desejos voltando-se para o planejamento e direcionamento de sua vida. Está ligada à capacidade de identificar seus hábitos inconscientes e, assim, transformar e conduzir suas atitudes, controlar vícios e emoções.

Para desenvolver esta inteligência, o indivíduo deve utilizar-se da autorreflexão. Essa inteligência é essencial para o sucesso em qualquer profissão, pois diz respeito a conhecer a si próprio (ROSÁRIO, 2014).

É a capacidade correlativa, voltada para dentro. É com ela que o indivíduo consegue fazer uma análise verdadeira do seu “eu” e, desta forma, utilizar estes conhecimentos para conduzir sua vida da forma mais adequada possível. Esta

inteligência, apesar de ser universal para todas as profissões, é muito comum em pessoas que se especializam como teólogos, psicólogos e filósofos (PARO, 2006).

Para Gardner, a inteligência intrapessoal é uma inteligência mais privada, na medida em que requer a capacidade do indivíduo para discernir e operar sobre os seus próprios sentimentos, forças, fraquezas e desejos (PARO, 2006 apud GARDNER, 1983, 2000).

2.1.2.5.8 A inteligência naturalista

A inteligência naturalista refere-se à capacidade de compreender o mundo natural e consiste na observação dos padrões naturais a fim de identificar e classificar os elementos que compõem o meio natural e as ações criadas pelo homem sobre ele. Entre os indivíduos que desenvolvem esta inteligência estão os fazendeiros, botânicos, caçadores, ecologistas e paisagistas (PARO, 2006 apud GARDNER, 1994).

Esta inteligência é desenvolvida através do contato direto com a natureza quando o homem consegue, ao observar os aspectos da flora, da fauna e do entorno natural, perceber a riqueza que ela contém para a existência.

Foi por esta razão que, apesar desse tipo de inteligência não ter feito parte dos estudos originais de Gardner, ele decidiu incluí-lo, em 1995, por ser uma inteligência essencial para a sobrevivência no futuro (ROSÁRIO, 2014).

O estudo destas oito Inteligências compõe a teoria de Gardner para a conceituação da inteligência que teve grande e rápida aceitação entre os pedagogos, uma vez que abrange metas mais amplas em relação àquela adotada pela educação tradicional (ROSÁRIO, 2014).

Sua teoria volta-se para criticar a escola tradicional. Segundo ele, o ensino tradicional pode impedir o desenvolvimento de muitas habilidades humanas, uma vez que esta forma de ensino supervaloriza certas inteligências como o raciocínio da matemática e da linguagem e, assim, enfraquecer ou até impedir, o desenvolvimento de outras inteligências (ROSÁRIO, 2014).

É preciso, no entanto, deixar claro que em muitas escolas o ensino tradicional já foi superado e, assim, foram criados programas que possibilitaram a avaliação e o desenvolvimento das habilidades dos estudantes em todas as inteligências identificadas por Gardner (ROSÁRIO, 2014).

Figura 3 - INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE GARDNER



Fonte: <https://www.hipercultura.com/inteligencia-multipla-conheca-os-varios-tipos-de-inteligencia-e-descubra-a-sua/>.

Apesar disso, a teoria de Gardner sofreu várias críticas e objeções. Muitos críticos questionam sua teoria alegando que ele as fundamentou mais em argumentos e intuições do que em estudos empíricos ou científicos. Estas críticas se baseiam no fato de não existir nenhum teste disponível para identificação ou mensuração destas inteligências específicas e, alegando que sua teoria ignorou as muitas pesquisas desenvolvidas em décadas de estudos, que buscaram compreender e explicar a inteligência geral. Além dessas críticas, ainda contestam

algumas das inteligências propostas por Gardner alegando que não se tratam de inteligências, mas sim de talentos naturais, como são os casos das inteligências musical e corporal-cinestésica (PARO, 2006 apud VISSER, ASHTON & VERNON, 2006).

2.1.2.6 Teoria triárquica de inteligência de Sternberg

A exemplo da Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner essa teoria também surgiu na década de 1980 com objetivos de ampliar as concepções tradicionais sobre o tema (PARO, 2006).

Proposta pelo psicólogo americano Robert Sternberg ao notar que muitos dos testes de avaliação psicológica, com muita frequência, apresentavam baixa consistência em prever o desempenho ou sucesso profissional do indivíduo avaliado. Em suma, destacou que muitas pessoas apresentavam ótimo desempenho no testes, mas não apresentavam um desempenho muito inferior quando submetidos às mesmas situações na vida diária (PARO 2006 apud STERNBERG, 1984; STERNBERG et al,1981).

Para Sternberg, a inteligência se apoia num tripé constituído pela inteligência analítica, inteligência criativa e inteligência prática. Para ele, estas não se constituem em inteligências múltiplas como defendida pela teoria de Gardner, mas como partes integrantes de uma única Inteligência, o que determinou muitos psicólogos a considerarem como uma teoria compatível com as teorias de inteligência geral (PARO, 2006 apud STERNBERG, 1984; STERNBERG et al, 1981).

Sternberg ainda destaca que a inteligência contém três subteorias: uma sobre o contexto, uma sobre a experiência e uma sobre os componentes cognitivos de processar informações. Ele explica que a inteligência envolve as tentativas contextuais para a especificação do que de fato é ser considerado como "inteligente" no limiar de uma cultura a partir de um contexto dado. Afirma, assim, que ser culturalmente inteligente, corresponde à capacidade de que o indivíduo tem em se adaptar a um ambiente novo, selecionar um ambiente melhor ou mesmo transformar esse novo ambiente (PARO, 2006 apud STERNBERG, 1984; STERNBERG et al, 1981).

Segundo Paro (2006), a Teoria Triárquica de Sternberg (1985) propõe que a inteligência é composta pelas habilidades da inteligência analítica, inteligência criativa e inteligência prática. Essa teoria explicita que:

1. **Habilidades Analíticas:** São aquelas que desenvolvem estratégias que permitem a análise, a avaliação e a solução dos problemas, isto é, envolvem a capacidade de argumentação processando as informações que trarão a solução dos problemas enfrentados. Logo tem grande semelhança com a concepção da teoria da inteligência tradicional. É aquela que se assemelha à concepção tradicional de inteligência geral.
2. **Habilidades Criativas:** São habilidades que, na busca da solução dos problemas, permitem ao indivíduo desenvolver opções a partir das experiências passadas. Pessoas que apresentam elevada inteligência criativa possuem habilidades para combinar fatos aparentemente desconexos para formar novas ideias. Importante ressaltar que para Sternberg os testes de inteligência tradicionais não medem a inteligência criativa, uma vez que percebeu que pessoas que atingiram uma pontuação em um teste de Q.I. demonstraram muitas dificuldades ao ter de lidar com situações novas.
3. **Habilidades Práticas:** São as habilidades utilizadas para lidar em ambientes reais permitindo que o indivíduo adapte, selecione e molde o seu ambiente.

Assim, envolve as habilidades da convivência diária e da adaptação frente às mudanças enfrentadas no dia a dia refletindo diretamente no seu sucesso pessoal. Neste sentido Paro (2006, p.16 apud STERNBERG, 1984; STERNBERG et al, 1981, DA SILVA, 2003, 2005) assim exemplifica:

Um exemplo dado por Sternberg de inteligência prática é de um empregado que amava seu trabalho, mas odiava seu chefe. Um recrutador executivo contactou o empregado sobre um possível trabalho novo. Em vez de solicitar o emprego, o empregado deu para o recrutador o nome do seu chefe que foi contratado subsequentemente para um local longe da companhia em que trabalhavam. Com o afastamento do chefe que o incomodava, ao invés de deixar o trabalho, ele adaptou-se melhor ao seu ambiente. As pessoas com inteligência prática superior podem ou não se sair bem em testes padrão de Q.I.

Essa teoria recebeu muitos elogios pelo fato de ter contribuído para a ampliação do domínio da inteligência, ou seja, ter apresentado de forma mais exata aquilo que as pessoas pensam sobre a inteligência. Mesmo assim sofreu algumas

críticas uma vez que para alguns estudiosos do tema esta divisão proposta por Sternberg não tem apoio dos estudos científicos (PARO 2006).

2.1.2.7 Teoria da inteligência emocional

Segundo Paro (2006) a Teoria da Inteligência Emocional está relacionada à chamada "inteligência social", presente na psicologia e foi proposta pelo psicólogo estadunidense Daniel Goleman.

Goleman ao propor esse novo enfoque sobre o conceito de inteligência, a definiu como um conjunto de habilidades que envolvem a capacidade de motivação, a persistência frente às decepções, o controle do impulso na espera do reconhecimento, o controle do humor para evitar transtornos que diminuam a capacidade de pensar, empatias e manutenção das esperanças. Propôs que as pessoas dotadas de inteligência emocional apresentam vantagens sobre as demais em qualquer aspecto da vida, tendo assim, maiores probabilidades de alcançarem a satisfação pessoal e a felicidade (PARO, 2006 apud GOLEMAN, 2006).

Neste sentido Goleman (2012) definiu a inteligência emocional como sendo as aptidões desenvolvidas pelo indivíduo para agir diante dos problemas enfrentados a partir das seguintes habilidades:

1. Conhecer as próprias emoções.

Autoconsciência — reconhecer um sentimento quando ele ocorre — é a pedra de toque da inteligência emocional. [...] A capacidade de controlar sentimentos a cada momento é fundamental para o discernimento emocional e para a autocompreensão. A incapacidade de observar nossos verdadeiros sentimentos nos deixa à mercê deles. As pessoas mais seguras acerca de seus próprios sentimentos são melhores pilotos de suas vidas, tendo uma consciência maior de como se sentem em relação a decisões pessoais, desde com quem se casar a que emprego aceitar.

2. Lidar com emoções.

Lidar com os sentimentos para que sejam apropriados é uma aptidão que se desenvolve na autoconsciência. [...] Capacidade de confortar-se, de livrar-se da ansiedade, tristeza ou irritabilidade que incapacitam — e as consequências resultantes do fracasso nessa aptidão emocional básica. As pessoas que são fracas nessa aptidão vivem constantemente lutando contra sentimentos de desespero, enquanto outras se recuperam mais rapidamente dos reveses e perturbações da vida.

3. Motivar-se.

[...] Pôr as emoções a serviço de uma meta é essencial para centrar a atenção, para a automotivação e o controle, e para a criatividade. O autocontrole emocional — saber adiar a satisfação e conter a impulsividade — está por trás de qualquer tipo de realização. É a capacidade de entrar em

estado de “fluxo” possibilita excepcionais desempenhos. As pessoas que têm essa capacidade tendem a ser mais produtivas e eficazes em qualquer atividade que exerçam.

4. Reconhecer emoções nos outros.

A empatia, outra capacidade que se desenvolve na autoconsciência emocional, é a “aptidão pessoal” fundamental. [...] As pessoas empáticas estão mais sintonizadas com os sutis sinais do mundo externo que indicam o que os outros precisam ou o que querem. Isso as torna bons profissionais no campo assistencial, no ensino, vendas e administração.

5. Lidar com relacionamentos.

A arte de se relacionar é, em grande parte, a aptidão de lidar com as emoções dos outros. [...] São as aptidões que determinam a popularidade, a liderança e a eficiência interpessoal. As pessoas excelentes nessas aptidões se dão bem em qualquer coisa que dependa de interagir tranquilamente com os outros; são estrelas sociais (GOLEMAN, 2012, p. 66 e 67).

Goleman em sua teoria, destaca que pessoas que apresentam uma inteligência emocional desenvolvida apresentam maior capacidade de sociabilidade, pois demonstram serem mais alegres, responsáveis, comprometidas e solidárias, expressando seus sentimentos de forma aberta e adequada conseguindo, assim comunicar-se de forma mais eficiente (PARO, 2006).

Destaca ainda, que um coeficiente intelectual, mesmo que elevado, se for desprovido da inteligência emocional, resulta em baixa probabilidade de sucesso na vida diária. Isso é facilmente reconhecido, em muitos casos, em indivíduos que apresentam elevados rendimentos acadêmicos não alcançarem um bom desempenho em sua vida profissional e social. Para ele, o coeficiente intelectual representa apenas 20% dos fatores que, de fato, influenciam o sucesso na vida (PARO, 2006 apud GOLEMAN, 2006).

Os estudos desenvolvidos pela Teoria da Inteligência Emocional de Goleman deram origem às novas teorias sobre o tema que passaram a dar ênfase a novos aspectos da inteligência humana, até então, ainda não presentes nos estudos científicos (PARO, 2006 apud DA SILVA, 2003, 2005).

2.1.3 A Inteligência Emocional

Nos estudos relativos às características do ser humano, a Inteligência sempre foi uma das qualidades mais destacadas pelos estudiosos do tema. Neste contexto, apesar de se tratar de conceitos e estudos recentes, a Inteligência Emocional desperta grande interesse à comunidade científica. Muitas são as investigações e

publicações em relação ao tema, no entanto, por serem definições originadas de instrumentos de mensuração muito diferenciados entre si, nem todos têm contribuído para o seu construto (CANDEIAS et al, 2008).

Assim, se faz necessário em primeiro lugar, uma análise da construção histórica do conceito de Inteligência Emocional, tema este que cada vez mais se faz presente na comunidade científica mundial.

2.1.3.1 O construto da inteligência emocional

Embora não tenham sido os pioneiros a utilizarem os conceitos da Inteligência Emocional, foram os psicólogos Peter Salovey e John Mayer que apresentaram esta inteligência à comunidade científica no ano de 1990, durante o 98º Encontro da Associação Americana de Psicologia.

Na verdade, o tema foi inicialmente apresentado como uma subclasse da Inteligência social, na qual afirmavam que estas habilidades estariam ligadas aos processos de monitoramento dos sentimentos próprios e das outras pessoas e, diante destas informações, serviam para guiar seus pensamentos e emoções (OLIVEIRA, 2015).

Estes conceitos surgem num período fértil para o seu desenvolvimento uma vez que, segundo Candeias et al (2008 apud GARDNER 1983/1993), já existiam propostas que apontavam a inteligência como uma capacidade de resolução de problemas além de, também, mencionar as inteligências intrapessoal e interpessoal, onde a primeira ajuda os indivíduos a entender os seus sentimentos e a criar modelos de si próprio que lhe possibilitam tomar decisões sobre sua vida, e a segunda, permite a compreensão das intencionalidades, motivações e desejos dos outros para aprimorar as relações com eles.

Já Candeias et al (2008 apud Greespan, 1989 e Payne 1986) mencionam o termo de Inteligência Emocional fazendo referência para a existência de mecanismos implícitos à inteligência utilizados pelos indivíduos na resolução de seus problemas diários.

Nesta mesma lógica surgiu a chamada inteligência prática proposta por Sternberg e avaliada como de fundamental importância para o ser humano, uma vez que, utilizada e aplicada no seu convívio diário, permite ao indivíduo se adaptar ao meio em que vive bem como selecionar e modelar este meio para a resolução dos

problemas do seu cotidiano (CANDEIAS et al, 2008 apud STERNBERG et al, 1986, 1988, 1996, 2000).

A inteligência social proposta por Thorndike em 1937, habilidade para a compreensão e do agir sensato nos relacionamentos sociais, também vem de encontro a esta temática, sendo utilizada para incluir um comportamento mais adaptativo por partes dos indivíduos. Assim, este construto serve para destacar a capacidade dos indivíduos compreenderem as redes sociais a qual pertencem e busquem as melhores formas de se adaptarem a eles (CANDEIAS et al, 2008 apud ZIRKEL, 2000).

As neurociências, da mesma forma, também contribuíram, nos últimos anos, para o desenvolvimento dos conceitos ligados à Inteligência Emocional à medida que:

Ledoux (2000) veio mostrar que, ao contrário do que se pensava de que a amígdala só enviava mensagens de resposta depois de receber informações do neocórtex, ela pode enviar respostas emocionais para o corpo para o preparar para uma resposta, antes mesmo do neocórtex reconhecer e tratar a informação recebida. A Amígdala assume um papel importante no controle do comportamento dos indivíduos pelo que se pode concluir que a emoção precede, em alguns casos, a cognição. Damásio (1995), propõe a hipótese de marcador somático o qual desempenha uma importante função na redução do número de alternativas de escolha do sujeito, na medida em que o sujeito ao receber sinais de alarme do organismo (por exemplo, taquicardia), nem sempre conscientes, pode abandoná-la antes mesmo de ser analisada e ser tomada como uma opção de escolha, assim a emoção precede o ato de decisão. Dos estudos desses dois autores, pode-se concluir que os sinais emocionais são muito importantes para o processo de raciocínio, pois podem ajudar o indivíduo a adaptar-se melhor ao meio que o envolve (CANDEIAS et al, 2008, p. 333).

Destaca-se, portanto, que a partir do momento em que a definição de inteligência emocional foi apresentado à comunidade científica mundial no ano de 1990, este construto sofreu muitas evoluções que foram delimitadas em diferentes momentos através da publicação de trabalhos que trouxeram novos contributos à esta temática. Entre estes trabalhos destacam-se os muitos artigos publicados por Mayer & Salovey em conceituadas revistas entre os anos de 1990 e 1993 (CANDEIAS et al, 2008 apud JOHN D. MAYERE, 2001).

Coube, no entanto, a Daniel Goleman, renomado psicólogo e jornalista norte-americano, a maior popularização deste tema na comunidade científica mundial ao lançar seu livro Inteligência Emocional em 1996. Com esta publicação o tema passou a ter maior disseminação pelos diferentes segmentos da sociedade, não

somente pelo fato de incluir neste construto os traços da personalidade para além das habilidades, mas também, pela forma como apresentou a sua visão de que esta forma de inteligência seria um dos mais importantes aspectos para se explicar o sucesso pessoal (CANDEIAS et al, 2008).

Torna-se, no entanto, necessário ressaltar que Goleman não se considerou como o criador do conceito de Inteligência Emocional fazendo questão de citar, em muitas oportunidades, os pioneiros do assunto Peter Salovey e John Mayer (OLIVEIRA, 2015).

Mesmo que os estudos de Goleman tenham trazido grandes contribuições para o construto da Inteligência Emocional sendo um dos principais responsáveis por sua popularização, se torna imprescindível destacar que seus estudos também trouxeram algumas problematizações ao se verificar que:

Se a popularização teve aspectos positivos na divulgação da IE, teve também alguns aspectos negativos pois levou à proliferação de definições, lançando a confusão sobre o que afinal é este conceito (CANDEIAS et al, 2008, p. 334).

Diante disso, devemos uma vez mais destacar a importância dos trabalhos desenvolvidos por Mayer e Salovey que através de publicações lançadas nos anos de 1996 e 1997, buscaram reduzir esta ambiguidade com o desenvolvimento mais específico de suas ideias sobre o tema (CANDEIAS et al, 2008 apud MAYER & GEHER, 1996 e MAYER & SALOVEY, 1997).

Este construto da Inteligência Emocional, em especial o desenvolvido por Goleman, sofre duras críticas através do artigo “*Emotional Intelligence: In search of an elusive construct*” (*Inteligência Emocional: Em busca de uma construção indescritível*) de Davies publicado na universidade de Sidney. Este trabalho, no qual o autor critica a limitação deste conceito à percepção emocional, desencadeou a construção de vários instrumentos de medida e também o desenvolvimento de outros estudos voltados à fundamentação do seu construto em especial aos modelos de Bar-On e Mayer & Salovey (CANDEIAS, 2008 apud STANKOV & ROBERTS, 1998).

Tanto os modelos de Bar-On como os Mayer & Salovey contribuíram para o aperfeiçoamento do construto da inteligência emocional uma vez que realizaram investigações no sentido de validar estes conceitos, criar instrumentos de medição e

de novas definições para a Inteligência emocional (CANDEIAS et al, 2008 apud BAR-ON et al, 2001).

Já no período de 2001 a 2005, novas discussões sobre o tema se propagaram, envolvendo o grupo da Universidade de Sidney e o Grupo de Mayer e Salovey publicadas na revista *Emotion*, voltadas a viabilidade dos instrumentos de medição da Inteligência Emocional desenvolvidas a partir do modelo de habilidades cognitivas. O resultado destas discussões revelou um conjunto de estudos que pode comprovar que a Inteligência Emocional é de fato uma habilidade que pode explicar o desempenho das pessoas na vida pessoal e profissional e, assim, foram de grande relevância para a consolidação deste construto (CANDEIAS et al, 2008 apud ASHKANASY & DASBOROUGH, et al, 2003).

2.1.3.2 A Inteligência emocional de Daniel Goleman

O renomado psicólogo e jornalista norte-americano Daniel Goleman é um dos principais expoentes da literatura mundial que apresenta reflexões e discussões sobre o tema da Inteligência Emocional.

Através de seus estudos e publicações buscou demonstrar que o desenvolvimento da Inteligência Emocional é premissa básica para qualquer pessoa garantir o controle de suas emoções e, por consequência, desenvolver uma Inteligência capaz de lhe garantir o sucesso pessoal e profissional.

Segundo suas reflexões, muitos dos fracassos profissionais e decepções pessoais são resultantes da incapacidade ou dificuldade que o indivíduo apresenta de lidar com suas emoções, tendo como consequência, a destruição de vidas e o abalo de carreiras promissoras.

Neste sentido, uma das primeiras reflexões para compreendermos esta temática é sabermos para que servem as emoções humanas. Para Goleman (2012), num primeiro momento as emoções servem para nos auxiliar na tomada de decisões que necessitam respostas com certo imediatismo e que, portanto, precisam ser tomadas sem pensar muito sobre o que está acontecendo. Seria, portanto, uma situação em que o coração sobrepõe a razão, quando assim afirma:

Quando investigam por que a evolução da espécie humana deu à emoção um papel tão essencial em nosso psiquismo, os sociobiólogos verificam que, em momentos decisivos, ocorreu uma ascendência do coração sobre a

razão. São as nossas emoções, dizem esses pesquisadores, que nos orientam quando diante de um impasse e quando temos de tomar providências importantes demais para que sejam deixadas a cargo unicamente do intelecto — em situações de perigo, na experimentação da dor causada por uma perda, na necessidade de não perder a perspectiva apesar dos percalços, na ligação com um companheiro, na formação de uma família. Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma ação imediata; cada uma sinaliza para uma direção que, nos recorrentes desafios enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, provou ser a mais acertada (GOLEMAN, 2012, p. 30).

Desta forma, as emoções muitas vezes nos fazem agir por impulsividade. Goleman (2012) utiliza como exemplo a reação do indivíduo frente a uma situação de medo. Segundo ele, quando nos sentimos amedrontados, naturalmente teremos um impulso muito forte para reagirmos contra o medo com o intuito de fugir, evitar ou lutar contra aquela situação.

No mesmo sentido, devemos entender que as emoções também servem para nos repassar dados importantes sobre os sentimentos das outras pessoas com as quais nos relacionamos e, da mesma forma, revelam aos outros o que estamos sentindo, o que nos permite regular nosso comportamento em conformidade com cada situação que vivenciamos. Goleman (2012), no entanto, nos adverte que:

Embora nossas emoções tenham sido sábios guias no longo percurso evolucionário, as novas realidades com que a civilização tem se defrontado surgiram com uma rapidez impossível de ser acompanhada pela lenta marcha da evolução. Na verdade, as primeiras leis e proclamações sobre ética — o Código de Hamurabi, os Dez Mandamentos dos Hebreus, os Éditos do Imperador Ashoka — podem ser interpretadas como tentativas de conter, subjugar e domesticar as emoções. Como Freud observou em *O Mal-estar na Civilização*, o aparelho social tem tentado impor normas para conter o excesso emocional que emerge, como ondas, de dentro de cada um de nós (GOLEMAN, 2012, p. 31).

Assim, devemos entender que mesmo diante de muitas pressões sociais a que estamos submetidos, em muitos casos nossas paixões se sobrepõem à razão. Goleman destaca que essa característica da natureza humana é resultante da evolução da espécie humana e, desta forma:

Em termos do plano biológico dos circuitos neurais básicos da emoção, aqueles com os quais nascemos são os que melhor funcionaram para as últimas 50 mil gerações humanas, mas não para as últimas 500 — e, certamente, não para as últimas cinco (GOLEMAN, 2012, p. 31).

Diante do exposto, fica evidente que nossas emoções, que foram moldadas pelo processo da evolução do ser humano, bem cumpriram suas funções ao longo

da história humana (1 milhão de anos), no entanto, nos últimos milênios, essa evolução em quase nada foi aperfeiçoada para atender as exigências da explosão demográfica mundial e das novas exigências emocionais dos tempos modernos.

Neste sentido Goleman (2012) ressalta que a nossa reação diante das mais diferentes situações não são unicamente moldadas por nossa razão ou nossa história pessoal, mas também por nosso passado ancestral.

É por esta razão que o ser humano, por vezes, tem reações que podem gerar ações não tão controladas, levando a situações que resultam em muitos prejuízos para o sucesso pessoal e profissional. Esta é, segundo Goleman (2012), a razão do desenvolvimento da Inteligência Emocional ser fundamental para o sucesso humano nestes tempos modernos. Segundo ele as nossas emoções desempenham funções específicas que, por sua vez, preparam o nosso corpo que dará diferentes respostas impulsivas a cada nova emoção.

Neste contexto, apresenta os seguintes exemplos: na emoção de raiva, o sangue fluindo para as mãos pode desencadear uma reação de ataque ao inimigo; na emoção do medo, o sangue flui para os músculos, desencadeando a reação da fuga; nas sensações de felicidade, ocorre o aumento da atividade do centro cerebral inibindo as reações de negatividade; nas emoções amorosas, em geral, ocorre um estado de relaxamento desenvolvendo estados de calma que facilitam a cooperação; nas emoções de surpresa, a reação de arregalar os olhos aumenta o campo visual e a presença de luz na retina o que aumenta a percepção da situação facilitando a tomada do melhor plano de ação; as emoções de tristeza provocam uma perda de energia e de entusiasmo que nos afastam do mundo real e nos levam ao isolamento (GOLEMAN, 2012).

Desta maneira, ressalta que toda emoção que sentimos tem uma função que nos leva a uma adaptação diante dos diferentes momentos sociais e culturais aos quais passamos durante nossa existência e, assim, estamos preparados para enfrentarmos as mais diversas situações as quais somos submetidos.

É relevante ainda frisar que nossas ações diante das emoções seguem a dois princípios mentais que Goleman (2012) chama de mente emocional e a mente racional que, conjuntamente, interagem na construção de nossa vida mental. A mente racional nos permite a compreensão daquilo que temos consciência nos permitindo ponderar e refletir. Já a mente emocional é impulsiva, poderosa e, em muitos, casos ilógica. Estas diferenças de ação se devem ao fato da mente racional

ser mais lenta, isto porque analisa, reflete, toma uma decisão e, depois age, ao passo que a mente emocional é muito mais rápida, pois sente e age por impulsos. São essas duas mentes que respondem por nossas ações uma vez que:

Essas duas mentes, a emocional e a racional, na maior parte do tempo operam em estreita harmonia, entrelaçando seus modos de conhecimento para que nos orientemos no mundo. Em geral, há um equilíbrio entre as mentes emocional e racional, com a emoção alimentando e informando as operações da mente racional, e a mente racional refinando e, às vezes, vetando a entrada das emoções (GOLEMAN, 2012, p. 35).

Vale destacar que na maioria dos momentos, ocorre uma perfeita coordenação entre estas mentes, ou seja, os sentimentos são essenciais para o pensamento e vice-versa. No entanto, esse equilíbrio pode ser quebrado quando surgem paixões que levem a mente emocional assumir o comando inundando a mente racional.

Essas considerações feitas a partir dos estudos de Goleman (2012) sobre as emoções nos revelam que são elas que de fato moldam a inteligência emocional. Portanto, a partir destas reflexões passaremos então as definições do que os estudiosos do caso consideram como inteligência emocional e os seus efeitos no sucesso pessoal e profissional.

Teixeira (2014 apud Goleman, 2001) afirma que a inteligência emocional corresponde à habilidade que um indivíduo possui de identificar seus próprios sentimentos, bem como os sentimentos dos outros e de se automotivar para bem gerenciar suas emoções e relacionamentos.

Também destaca que a inteligência emocional é uma qualidade através da qual o indivíduo consegue se apropriar de suas próprias emoções, bem como, das emoções dos seus pares, reagindo com naturalidade quando se depara com certos problemas organizacionais e, assim, tem condições de solucionar, de modo eficaz e racional, as diferentes situações emocionais envolvidas.

Nesta ótica, a inteligência emocional relaciona-se com a capacidade de autocontrolar as suas emoções para poder motivar-se a si mesmo e, assim, poder controlar seus impulsos e, desta forma, poder motivar as outras pessoas, ajudando-as a buscar o seu melhor (TEIXEIRA, 2014).

Podemos então definir a inteligência emocional como o uso inteligente das emoções, ou seja, de forma intencional utilizar as emoções para que atuem a seu

favor e, assim, utilizá-las como ferramentas benéficas para o controle de seus comportamentos e raciocínios a fim de aperfeiçoar os seus resultados (Teixeira, 2014 apud WEISINGER, 2001). Para melhor definir, Goleman afirma que a inteligência emocional é:

[...] a capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante (GOLEMAN, 2012, p. 61).

A inteligência emocional, quando bem desenvolvida, apresenta certas características de grande valor para a formação e aperfeiçoamento humano, permitindo, assim, que o indivíduo tenha bom desempenho emocional e, conseqüentemente, tenha maiores facilidades para as escolhas das alternativas e ações necessárias para a tomada de alguma decisão.

Importante destacar que, antes do construto da inteligência emocional, a avaliação da capacidade de sucesso de um indivíduo apoiava-se na análise de seu QI (quociente de inteligência) através do qual se mensurava qual seria o seu nível de inteligência. Após a disseminação dos conceitos da Inteligência Emocional esta também passou a ser utilizada para a avaliação das possibilidades de sucesso profissional de uma pessoa através do que se chama competência técnica.

Neste sentido, Goleman (2012), afirma que por se tratar de um construto novo ainda não se pode afirmar, com certeza, qual é a resposta que esse tipo de inteligência pode dar nessas avaliações, uma vez que ocorrem variações durante o curso da vida. Destaca, porém, que “os dados existentes sugerem que esse tipo de inteligência pode ser tão ou mais valioso que o QI” (GOLEMAN, 2012, p. 58).

Ainda complementa que mesmo existindo argumentos de que não existam grandes possibilidades de se alterar o nível do QI de uma pessoa através da experiência ou do aprendizado, as aptidões emocionais, ao contrário, podem ser adquiridas e aperfeiçoadas com o avanço da idade, desde que exista o interesse de ensiná-las e aprendê-las.

Para chegar a esta conclusão, Goleman (2012), se apoiou em acompanhamentos feitos junto a estudantes da universidade de Harvard, que demonstraram que não houve grandes diferenças no alcance do sucesso profissional entre aqueles que tinham apresentado maiores níveis de QI e aqueles

com níveis de QI menores. É importante salientar que estas pesquisas foram realizadas tanto com grupos de QI mais elevado e da classe social alta, como com grupos de QI baixo e da classe social baixa e, em ambos os casos, os resultados foram parecidos, ou seja, tanto no primeiro como no segundo caso o QI não se mostrou fator decisivo para o alcance do sucesso pessoal.

Em outra pesquisa, que ainda está em curso, que analisa o progresso intelectual e profissional de ex-estudantes que obtiveram o melhor desempenho escolar durante o ensino médio nas escolas do estado de Illinois (EUA), percebeu-se que estes alunos continuavam alcançando bons resultados na faculdade, mas no desempenho profissional, a maioria apenas atingiu o nível mediano de sucesso.

Portanto, com estas observações, Goleman (2012) pode afirmar a não existência de relação direta entre os níveis do QI e do sucesso pessoal. Ilustra o fato com o depoimento da professora de pedagogia da Universidade de Boston, Karen Arnold, que acompanhou a pesquisa:

— Acho que descobrimos as pessoas “de sucesso”, as que sabem como vencer no sistema. Mas os “primeiros de turma”, claro, têm de lutar tanto quanto qualquer um de nós. Saber que uma pessoa é um excelente aluno é saber apenas que ela é muitíssimo boa na obtenção de boas notas. Nada nos diz de como ela reage às vicissitudes da vida (GOLEMAN, 2012, p. 60).

Diante destas constatações Goleman (2012) critica as escolas e as universidades pelo fato destas sempre priorizarem o desempenho intelectual de seus alunos e dando pouco valor ou ignorando por completo a inteligência emocional. Em síntese, Goleman destaca que as emoções exercem importante papel em nosso destino pessoal ao afirmar:

A vida emocional é um campo com o qual se pode lidar, certamente como matemática ou leitura, com maior ou menor habilidade, e exige seu conjunto especial de aptidões. E a medida dessas aptidões numa pessoa é decisiva para compreender por que uma prospera na vida, enquanto outra, de igual nível intelectual, entra num beco sem saída: a aptidão emocional é uma metacapacidade que determina até onde podemos usar bem quaisquer outras aptidões que tenhamos, incluindo o intelecto bruto (GOLEMAN, 2012, p. 60).

Goleman (2012) ainda evidencia que são muitos os indícios existentes que comprovam que as pessoas que são emocionalmente mais preparadas e sabem lidar com os seus, e os sentimentos dos outros, tendem a ser mais felizes, pois

alcançam maior sucesso nas relações profissionais e pessoais, sendo assim, mais satisfeitas.

Outro aspecto observado por Goleman (2012) para reforçar sua tese sobre a importância da inteligência emocional, foi a utilização do que chama de percepção social, podendo ser também entendida como inteligência social. Ele fez essa constatação ao observar o desenvolvimento de uma menina de 04 anos de idade durante algumas atividades do pré-escolar que frequentava. Nestas observações, ficou evidente que a menina tinha comportamentos distintos em diferentes atividades. Quando participava de jogos comuns ela demonstrava pouco interesse e, muitas vezes, se retraía e apresentava pouca desenvoltura. Já num jogo especificamente preparado para o desenvolvimento de um projeto de sua escola, que é ligada a Universidade Tufts, seu resultado é surpreendente. Este projeto, que é denominado de Projeto Spectrum, voltado para o desenvolvimento das diferentes inteligências, numa atividade em que se reproduziam algumas situações vivenciadas em sala de aula, ela teve um desempenho excepcional, graças ao perfeito mapeamento social que tinha de sua turma.

O orientador desse projeto é o visionário psicólogo Howard Gardner que corrobora com os pensamentos de Goleman quando afirma:

— Chegou a hora — disse — de ampliar nossa noção sobre o espectro de talentos. A maior contribuição que a educação pode dar ao desenvolvimento de uma criança é ajudá-la a escolher uma profissão onde possa melhor utilizar os seus talentos, onde ela será feliz e competente. Perdemos isso inteiramente de vista. Em vez disso, sujeitamos todos a uma educação em que, se você for bem-sucedido, estará mais bem capacitado para ser professor universitário. E avaliamos todos, ao longo do percurso, conforme satisfaçam ou não esse estreito padrão de sucesso. Devíamos gastar menos tempo avaliando as crianças e mais tempo ajudando-as a identificar suas aptidões e dons naturais, e a cultivá-los. Há centenas e centenas de maneiras de ser bem-sucedido e muitas, muitas aptidões diferentes que as ajudarão a chegar lá (GOLEMAN, 2012, p. 61).

Os estudos desenvolvidos por Gardner, na qual se incluem os realizados no projeto Spectrum, resultaram num conceito de inteligência que ele chamou de “Inteligências Múltiplas” que já foram apresentadas no capítulo 1.

Seus estudos, pela multiplicidade de inteligências que abrangem foram “muito além do conceito-padrão de QI como fator único e imutável” (GOLEMAN, 2012 p. 62), uma vez que reconheceu que os testes padrões do QI “se baseiam numa noção limitada de inteligência, uma noção sem ligação com a verdadeira

gama de talentos e aptidões que são importantes para a vida” (GOLEMAN, 2012, p. 62).

As conclusões de Gardner em muito contribuem com os estudos de Goleman (2012), em especial, os relacionados a duas de suas Inteligências: a interpessoal e a intrapessoal, as quais Gardner assim define:

Inteligência *interpessoal* é a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas. As pessoas que trabalham em vendas, políticos, professores, clínicos e líderes religiosos bem-sucedidos provavelmente são todos indivíduos com alto grau de inteligência interpessoal. A inteligência *intrapessoal* (...) é uma aptidão correlata, voltada para dentro. É uma capacidade de formar um modelo preciso, verídico, de si mesmo e poder usá-lo para agir eficazmente na vida (GOLEMAN, 2012, p. 63).

Complementando, Gardner ainda afirma que a inteligência interpessoal também compreende a capacidade de discernir e responder a outros aspectos emocionais das pessoas as quais nos relacionamos como o humor, o temperamento, as motivações e os desejos. Já na Inteligência intrapessoal, a qual considera como a chave do autoconhecimento, inclui a capacidade de, a partir do contato com nossos próprios sentimentos, compreendê-los a fim de utilizá-los para orientar o comportamento (GOLEMAN, 2012).

Mesmo concordando que os estudos de Gardner foram muito úteis para a compreensão da emoção no estudo da inteligência, Goleman (2012) enfatiza que tanto Gardner como os seus colaboradores não investigaram suficientemente o papel dos sentimentos na inteligência e se debruçaram mais na cognição do que sobre estes. Destaca que desta forma ficou um tanto inexplorado o grande papel das emoções em nossas vidas alertando que “deixa de lado o que há de inteligência nas emoções e o que há de emocional na inteligência” (GOLEMAN, 2012, p. 64).

Assim, apoiando-se nos estudos de Gardner, Goleman (2012) percebe que este deu mais ênfase aos pensamentos sobre os sentimentos do que as emoções em si. No entanto, seus estudos em muito contribuíram para o desenvolvimento de sua teoria sobre a inteligência emocional uma vez que Gardner reconheceu a grande importância que as habilidades emocionais desempenham no sucesso pessoal quando relata:

– Muitas pessoas com 160 de QI trabalham para outras com 100 de QI, caso as primeiras tenham baixa inteligência intrapessoal e as últimas, alta.

E, no dia-a-dia, nenhuma inteligência é mais importante do que a intrapessoal. Se não a temos, faremos escolhas errôneas sobre quem desposar, que emprego arranjar e assim por diante. Precisamos treinar as crianças em inteligências intrapessoais na escola (GOLEMAN, 2012, p. 65).

No decorrer da história outros teóricos que seguiram os estudos de Gardner buscaram compreender as relações existentes entre a inteligência e as emoções. Entre estes destacam-se os psicólogos Peter Salovey e Robert Sternberg que ao adotarem uma visão mais ampliada da inteligência, buscaram definir que termos são mais necessários para se viver bem a vida. Foi nesta linha de pensamento e de investigação que chegaram à conclusão do quanto a inteligência emocional é crucial para o sucesso (GOLEMAN, 2012).

Foi diante destas constatações, afirma Goleman (2012), que Salovey, juntamente com seu colega John Mayer, propuseram uma definição mais elaborada da inteligência emocional na qual expandiram essas aptidões para cinco domínios principais, que são:

1. **Conhecer as próprias emoções – Autoconsciência:** É o desenvolvimento da autoconfiança adquirida através do conhecimento que o ser humano possui de si próprio. Ao observar e conhecer suas emoções, sentimentos e intuições, o ser humano se torna mais consciente de como reagir diante das mais diversas situações e, assim, consegue controlar as suas respostas a estes estímulos.
2. **Lidar com os sentimentos - Capacidade de gerenciar os sentimentos:** refere-se ao modo como a pessoa aprende a lidar com as suas emoções e assim poder controlá-las para colocar sua vida na direção correta, pois terá a capacidade de lidar com os sentimentos. Ao saber controlar seus próprios sentimentos, o indivíduo se dará bem em qualquer local, situação ou ato que desempenhe.
3. **Motivar-se - Ter vontade de realizar, otimismo:** refere-se à capacidade desenvolvida para colocar suas emoções a serviço da busca de seus objetivos. A reflexão antes da tomada de decisões resultará em importantes benefícios nas relações evitando conflitos com os seus pares e possíveis arrependimentos futuros. Com esta habilidade desenvolvida, a pessoa se torna otimista conseguindo, com mais facilidade a realização daquilo que

planeja, uma vez que passa a ter consciência que todos os problemas são contornáveis e passíveis de solução.

4. **Reconhecer emoções nos outros - Empatia:** é a habilidade desenvolvida para saber se colocar no lugar do outro, reconhecendo nele as emoções que demonstra a fim de compreender seus comportamentos, tornando-se assim, mais sensível e aberto para se colocar em seu lugar. Nesta habilidade, a calma nas ações e reações assume papel fundamental nas relações interpessoais, e o diálogo com clareza é a chave para a solução dos problemas presentes nestas relações. Atitudes impensadas e explosivas em nada corroboram para um bom relacionamento.
5. **Lidar com relacionamentos - Aptidão social:** é a capacidade que a pessoa desenvolve para criar um ambiente positivo a sua volta, melhorando assim a sua qualidade de vida e, principalmente, contagiar as pessoas com quem se relaciona, criando um ambiente favorável para o entendimento. É a habilidade de saber se relacionar em equipe, característica tão fundamental nestes tempos modernos onde as relações interpessoais são cada vez mais constantes (PARO, 2006 apud GOLEMAN, 2006).

Goleman (2012) ressalta que cada ser humano apresenta diferentes aptidões em cada um desses campos. Cada indivíduo, de acordo com suas características, adapta-se melhor a um e menos a outro. Ressalta, no entanto, que cada deficiência apresentada em relação a eles pode ser aprimorada com o tempo e de acordo com o esforço despendido para tal.

Com base nessas observações e análises, Goleman (2012) conclui que a inteligência emocional e o QI são capacidades desenvolvidas pelo ser humano que se distinguem uma da outra mas não se opõem. Salaria que todos nós temos inteligência emocional e intelectual e as usamos conjuntamente e, mesmo que distintas, existem certas correlações entre as duas inteligências, destacando ser relativamente raro a existência de uma pessoa com grandes diferenças entre o QI e a inteligência emocional (QI alto e IE baixa ou IE alta e QI baixo).

E como mensurar ou medir a inteligência emocional? A resposta a essa pergunta talvez nunca teremos. Se para a mensuração do QI existem diferentes testes, ainda nada se conhece de semelhante para medir o grau da inteligência emocional de uma pessoa e, provavelmente nunca haverá um teste capaz de fazê-lo. Embora Goleman (2012) tenha total convicção de que a inteligência emocional

não só existe como é fundamental para que um indivíduo tenha sucesso pessoal e profissional e, da mesma forma, tenha bons relacionamentos interpessoais, acredita não haver um mecanismo que possa afirmar com precisão quem apresenta maior ou menor inteligência emocional.

2.2 METODOLOGIA

2.2.1. Tipo De Pesquisa

A metodologia utilizada para a realização da presente pesquisa do ponto de vista dos procedimentos técnicos utilizados foi a do tipo referencial bibliográfico que segundo Macedo (1994, p. 13) enfatiza tratar-se de:

Busca de informação bibliográfica, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congresso, teses e etc.) é o respectivo fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na utilização do material referenciado ou na bibliografia final). Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou de experimentação.

E para a apresentação das conclusões relativas aos objetivos propostos seguiu a metodologia descritiva, que de acordo com Cressler, (2004, p. 54):

É usada para descrever fenômenos existentes, situações presentes em eventos, identificar problemas e justificar condições, comparar e avaliar o que os outros estão desenvolvendo em situações e problemas similares, visando aclarar situações para futuros planos e decisões. Não procura necessariamente explicar relações ou testar hipóteses provando causas e efeitos.

Como primeira ação, ocorreu a delimitação do tema da pesquisa, que foi resultado de uma análise e reflexão de diferentes assuntos ligados à Psicologia. A escolha do tema inteligência humana com ênfase a inteligência emocional ocorreu pelo fato de ter despertado interesse da autora em aprofundar seus conhecimentos nesta área do comportamento humano em face da relevância e importância do mesmo no sucesso pessoal e profissional.

2.2.2 Coletas de Dados

Assim, para o desenvolvimento da pesquisa, inicialmente, foi realizada a busca e seleção dos referenciais bibliográficos que tratam do tema.

Instrumento de coleta de dados é a estratégia que o pesquisador – autor utiliza-se para recolher dados das fontes e passa para o conteúdo de seu relatório final de pesquisa. Os instrumentos de coleta de dados podem ser: Questionário, entrevistas, observações e análises de conteúdo (BELLO, 2012, p. 42).

Esta coleta teve por base o acervo bibliográfico da Biblioteca da Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP, trabalhos acadêmicos, artigos e documentos extraídos da internet e de outros meios de publicação e o acervo particular da autora desta pesquisa. Para esta seleção, foi de fundamental importância a orientação do professor Clayton Luiz Zanella, profissional designado pelo curso de Psicologia da UNIARP após escolha por parte da pesquisadora.

Após a criteriosa seleção das bibliografias, a autora efetuou uma leitura crítica reflexiva das mesmas a fim de fazer a seleção dos conceitos, textos e informações com a finalidade de se familiarizar com o tema em estudo para posterior redação do trabalho.

2.2.3 Análises e Interpretação dos Dados

A investigação científica em tela propôs uma abordagem teórica sobre a construção do conteúdo de inteligência. Para tanto, a pesquisadora utilizou inúmeras leituras que foram fundamentais para responder problema da pesquisa.

Não bastasse compilar dados científicos sobre o tema de pesquisa, surgiu a necessidade de interpretar e analisar criticamente as teorias que versam a temática proposta nesta pesquisa. Segundo PEDRUZZI et al, (2015, p.592 apud., MORAES E GALIAZZI 2007):

A análise podem ser entendidas como elementos destacados dos textos, aspectos importantes destes que o pesquisador entende mereçam ser salientados, tendo em vista sua pertinência em relação aos fenômenos investigados. Quando assim entendidas, as unidades estão necessariamente conectadas ao todo [...] A Análise pode ser caracterizada como exercício de produção de metatextos, a partir de um conjunto de

textos. Nesse processo constroem-se estruturas de categorias, que ao serem transformadas em textos, encaminham descrições e interpretações capazes de apresentarem novos modos de compreender os fenômenos investigados.

Assim sendo, optou-se por revisitar os conceitos apresentados no decorrer do trabalho e opinar criticamente sobre as similaridades e divergências que as teorias apresentam.

Ressalta-se que foi opção metodológica da pesquisadora relacionar as teorias e as possíveis nuances teóricas de aproximação ou distanciamento epistemológico. Por fim, não se pretendeu no decorrer das análises, reproduzir os conceitos estudados. Objetivou-se, sim, reforçar aspectos mais importantes que se desvelaram durante a pesquisa, enfatizando-se a inteligência emocional.

2.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A análise e a interpretação de dados é o momento em que o pesquisador se depara com a possibilidade de inferir seus próprios pontos de vista em relação ao fenômeno estudado. Neste momento relevante da pesquisa, são revisitados os componentes teóricos de maior ênfase no contexto geral da pesquisa.

Inicialmente pontua Candeias et al, (2008, p. 14) que:

Um problema científico e filosófico que surgiu desde os primeiros estudo acerca da inteligência foi a sua definição.[...] A falta de conceituação e o foco direcionado somente em aspecto quantitativo surtiram divergências desde o primeiro simpósio sobre inteligência em 1921. Neste simpósio nenhum dos cientistas participantes soube propor uma definição convincente sobre a inteligência. Que estava sendo debatida pela primeira vez.

Costa e Araldi (2015), concordam com Candeias et al (2008) quando afirmam existir tantas definições de inteligência quanto de psicólogos, tamanha a dificuldade de definir este conceito. Ao longo desta pesquisa encontraram-se vários autores com esta mesma dificuldade, assim como Dalgarrondo (2008, p. 277):

A inteligência é um conceito fundamental da psicologia moderna que todos utilizam; entretanto, quase ninguém consegue defini-la de modo definitivo ou pelo menos amplamente convincente (Richardson, 1999). O próprio criador da principal escala de avaliação e mensuração da inteligência em crianças e adultos, David Wechsler, certa vez, ao comentar sobre a dificuldade em definir exatamente o que é inteligência, afirmou

ironicamente: “O que é inteligência... ora, inteligência é aquilo que os meus testes medem”.

Costa e Araldi (2015) expuseram que o primeiro esforço da Psicologia para se entender, ou se estudar a inteligência, veio com a vontade dos pesquisadores de medi-la. Então, podemos acompanhar o desenvolvimento da psicometria e compreender as primeiras definições psicológicas do que é inteligência. De acordo com PASQUALI, (2009, p. 993):

A psicometria representa a teoria e a técnica de medida dos processos mentais, especialmente aplicada na área da Psicologia e da Educação. Ela se fundamenta na teoria da medida em ciências em geral, ou seja, do método quantitativo que tem, como principal característica e vantagem, o fato de representar o conhecimento da natureza com maior precisão do que a utilização da linguagem comum para descrever a observação dos fenômenos naturais.

Muitas das teorias ainda perduram até os dias de hoje, outras foram aperfeiçoadas. É o caso da teoria de Cattell que na atualidade é vista como o aperfeiçoamento da teoria de Spearman, assim como a bi-fatorial que já não é mais aceita. É compreensível que os conceitos evoluam com o passar do tempo, uma vez que novas pesquisas são realizadas e novos autores surgem no contexto científico.

Em razão disso, levando-se em consideração a demanda do governo francês, Binet desenvolveu o primeiro teste para aferir a inteligência, que originou o teste QI. Essa escala se destinou para avaliar o atraso no desenvolvimento intelectual e conseqüentemente a idade mental tanto em crianças como em adultos. Posteriormente foi a base para outros testes, como pontua Da Silva (2007):

O estudo da inteligência levou à construção de testes que determinavam o quanto uma pessoa é inteligente, expressando toda a complexidade do pensamento e das manifestações desse pensamento face aos problemas da vida, através do desempenho conseguido num teste (DA SILVA, 2007, p.118).

Do mesmo modo Piaget e Vygotsky contribuíram na produção dos conceitos da inteligência e nas teorias do desenvolvimento humano e da aprendizagem. Piaget acredita no desenvolvimento cognitivo e no progresso da criança nos diferentes estágios: sensório-motor, pré-operacional, operações concretas e operações-formais, através dos quais se estrutura a evolução do desenvolvimento intelectual.

Vygotsky, por sua vez, concorda com os estágios de Piaget, no entanto, discorda da sua dinâmica evolutiva. Para ele o desenvolvimento intelectual é apenas sociocultural, ou seja, o processo de aprender através das experiências sociais é o que gera e promove o desenvolvimento das estruturas cognitivas. Neste sentido, Vygotsky prioriza a atenção especial à cultura e a linguagem. Como destaca Medeiros (2016):

Vygotsky e seus colaboradores acreditam que a estrutura dos estágios descrita por Piaget seja correta, porém diferem na concepção de sua dinâmica evolutiva. Enquanto Piaget defende que a estruturação do organismo precede o desenvolvimento, para Vygotsky é o próprio processo de aprender que gera e promove o desenvolvimento das estruturas mentais superiores. Assim, podemos ver como a visão de Vygotsky dá importância à dimensão social, interpessoal, na construção do sujeito psicológico (MEDEIROS, 2016 p. 3).

Da mesma forma, para explicar este conceito Spearman, deu início aos estudos quantitativos da estrutura da inteligência, e assim, influenciou outras teorias através da descoberta do fator g, fator este que serviu de base para seus estudos sobre o tema. Seu método provocou o desenvolvimento de uma técnica estatística mais sofisticada, conhecida como análise fatorial.

Ele notou que havia correlação nos testes de habilidade mental, quer dizer, quando o indivíduo saía-se bem em um dos testes tendia também a sair-se bem em todos os outros. Dessa forma, deveria haver uma variável comum ou fator que produzia as correlações positivas. Em 1904 Spearman publicou um artigo sobre inteligência no qual usava um método estatístico para mostrar que as correlações positivas entre testes e o resultado de um fator subjacente comum. Seu método levou ao desenvolvimento de uma técnica estatística mais sofisticada conhecida como análise fatorial (PARO, 2006 p. 9).

Enquanto Spearman acreditava que o fator g significava um poder mental ou de energia, outros pesquisadores, ao estudarem o fator g, associaram as possíveis relações dele com as propriedades básicas do cérebro e a eficiência neural.

Thurstone, por sua vez, se opôs a Spearman quando sugeriu a inexistência da inteligência como fator g. Para ele, a princípio a inteligência era um conjunto de fatores independentes, denominadas de fatores de habilidades mentais primárias por ele identificadas através de uma bateria de testes. Mais tarde, porém, com a evolução de seus estudos, compreendeu que os resultados de seus testes na verdade nada mais eram do que o próprio fator g.

Desta forma, os estudos analisados nos levam a concluir que a diferença entre as teorias de Spearman e Thurstone é apenas o valor e o lugar em que cada um atribuiu seus estudos. Na prática psicológica esses fatores nos permitem conhecer as diferenças do indivíduo, seja de conteúdos intelectuais ou específicos.

Cattell foi outro teórico que analisando as teorias da capacidade primária de Thurstone e o fator g de Spearman, desenvolveu um conceito que evidenciou a existência de dois fatores gerais, Gf e Gc, que posteriormente foram confirmados e aprimorados por John Horn. Anos mais tarde, Carroll, usando métodos mais sofisticados, reanalisou as estruturas e propôs uma integração que resultou na teoria CHC. Apesar dos estudos de Cattell terem apresentados novos elementos não podemos defini-los como uma nova teoria, mas sim, como um simples aperfeiçoamento da teoria original de Spearman.

Outro autor que em muito contribuiu com a conceituação da Inteligência foi Howard Gardner que ao propor a teoria das inteligências múltiplas se opõe à teoria de Spearman. Para ele o indivíduo não possui uma inteligência geral, mas sim, um conjunto de inteligências que definiu como múltiplas, salientando que cada uma é independente das demais pelo fato de partirem de diferentes áreas do cérebro.

Embora se opondo a Spearman, a teoria de Gardner, por sua vez, encontra similaridade na teoria de Sternberg como aponta Da Silva (2007).

Duas teorias que não se distanciam uma da outra, antes se completam, e que se harmonizam com as condições referidas anteriormente: a Teoria Triárquica da Inteligência de Sternberg e a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (DA SILVA, 2007 p.121).

A teoria de Sternberg se aproxima da teoria de Gardner quando afirma que o indivíduo possui em sua mente diferentes domínios de inteligência que ele pode utilizar para melhor se adaptar as diferentes situações enfrentadas que ele definiu como habilidades analíticas, criativas e práticas.

Sternberg acredita que inteligência é maleável, plástica e por isso pode ser modificada a partir de exercícios adequados.[...] a inteligência resulta do balanço que cada pessoa é capaz de fazer de três tipos de habilidades – analíticas, criativas e práticas – para construir ações adequadas às necessidades exigidas por um determinado contexto sócio cultural (DA SILVA, 2007, p.122).

Da mesma forma Gardner, em sua teoria das inteligências múltiplas, também se refere a diferentes habilidades que, no entanto, não são desenvolvidas de forma global por cada indivíduo. Na teoria de Gardner duas habilidades merecem especial atenção: a inteligência intrapessoal e interpessoal. Habilidades de difícil compreensão, tal como, Da Silva (2007) profere tal como Gardner:

Eu proponho duas formas de inteligência pessoal – não muito bem compreendidas, difíceis de estudar, mas imensamente importantes. A inteligência interpessoal é a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como elas trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas. ... A inteligência intrapessoal ... é a capacidade correlativa, voltada para dentro. É a capacidade de formar um modelo acurado e verídico de si mesmo e de utilizar esse modelo para operar efetivamente a vida (DA SILVA, 2007 p.132 apud ANTUNES, 2006).

Estas habilidades são de suma importância para a compreensão do conceito da Inteligência Emocional de Daniel Goleman.

Nesta perspectiva, este trabalho não poderia negligenciar, nas análises, o papel da inteligência emocional, foco e fenômeno da pesquisa. Portanto, nesta linha de pensamento, optou-se em refletir especificamente sobre a inteligência emocional neste momento das análises.

Seguindo esta visão entendemos que o autocontrole de nossos sentimentos, desejos e emoções é a principal característica da inteligência emocional. Cabe aqui então salientar que para aprimorarmos os nossos relacionamentos familiares, profissionais e sociais é essencial que nos envolvamos num processo de desenvolvimento destas qualidades e, como consequência alcançarmos a plena satisfação pessoal. Haja vista a concepção de nossa profissão como afirma Souza, (2012 p. 25).

Foi possível ainda constatar através dos estudos de Goleman que são as emoções que na maioria das vezes conduzem as ações do homem na tomada de decisões, quer nas ações impulsivas que trazem posterior insatisfação, ou em ações mais equilibradas e centradas nos objetivos que resultam em melhores resultados, como assim vale ressaltar:

Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma ação imediata; cada uma sinaliza para uma direção que, nos recorrentes desafios enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, provou ser a mais acertada (GOLEMAN, 2012 p. 30).

Essas emoções que conduzem o nosso agir fazem parte de dois princípios mentais que Goleman chamou de mente racional e mente emocional. Neste sentido, quando o indivíduo dispõe de uma inteligência emocional mais evoluída e, assim, consegue melhor se adaptar as mais diferentes situações, ele dará maior valor a sua mente racional. Desta feita, suas ações serão muito mais controladas e equilibradas pois irão se apoiar nas suas autorreflexões que lhe mostrarão o que é o certo ou o errado para o momento. Já se o indivíduo possuir baixa inteligência emocional suas ações serão muito mais ligadas à mente emocional. Assim, ao agir sem controlar seus impulsos, tomará decisões que, na maioria das vezes, serão as menos acertadas e, por consequência lhe trarão resultados inesperados.

Para desenvolver o seu conceito de Inteligência emocional, Goleman valeu-se “em partes” a teoria das múltiplas Inteligências de Gardner, em especial às que se referem às inteligências intrapessoal e interpessoal.

Neste sentido, Goleman, define a inteligência emocional como a habilidade que o indivíduo tem de lidar com suas próprias emoções (inteligência intrapessoal) aliadas à habilidade de lidar com as emoções das outras pessoas (inteligência interpessoal). Sendo assim, as relações sociais se tornam muito mais tranquilas e, por consequência, revertem num maior sucesso pessoal ou profissional.

Cabe ressaltar que ao profissional de Psicologia essa inteligência é essencial, pois, em sua atuação, ele deve desenvolver a habilidade de empatia, pois lida com a mente humana, com os sofrimentos e as emoções dos indivíduos. O controle da emoção na atuação do psicólogo é, antes de tudo, uma forma de autoproteção, uma vez que lhe permite não se envolver com as emoções do

paciente. Goleman (2012) reforça essa importância quando utiliza as palavras de Gardner que diz:

— Quando escrevi pela primeira vez sobre inteligências pessoais, eu estava falando de emoção, sobretudo em minha ideia de inteligência intrapessoal: um dos componentes é a sintonia emocional consigo mesmo. Os sinais de sentimento visceral que recebemos é que são essenciais para a inteligência interpessoal (GOLEMAN, 2012, p. 65).

Para defender a importância da inteligência emocional no sucesso pessoal, Goleman faz uma comparação entre o QI (quociente de inteligência) e QE (quociente emocional), muito embora, tenha afirmado ainda não existir uma ferramenta eficiente para mensurar o QE. Para tanto, baseou-se em diferentes pesquisas e experimentos, nas quais se incluem as feitas por Gardner, em que ficou evidenciado que indivíduos com alto QI alcançaram menor desempenho profissional ou pessoal do que outros com menor QI, mas como um QE mais avançado. No entanto, não dissocia completamente uma de outra, destacando que não são competências opostas, mas que atuam separadamente, como afirma:

O QI e a inteligência emocional não são capacidades que se opõem, mas distintas. Todos nós misturamos acuidade intelectual e emocional; as pessoas de alto QI e baixa inteligência emocional (ou baixo QI e alta inteligência emocional) são, apesar dos estereótipos, relativamente raras. Na verdade, há uma ligeira correlação entre o QI e alguns aspectos da inteligência emocional — embora bastante pequena para que fique claro que se trata de duas entidades bastante independentes (GOLEMAN, 2012, p. 68).

É importante se ressaltar que em muitas situações do cotidiano a inteligência emocional assume papel mais importante que a inteligência racional. Em muitos casos o saber se relacionar com outras pessoas traz resultados muito superiores do que simplesmente ter um bom desempenho intelectual.

Na relação de QI e QE, Goleman destaca que o primeiro é inato e, desta forma é imutável enquanto que o segundo é mutável e, com o amadurecimento esta inteligência pode ser aprimorada. Para tanto, valendo-se dos estudos de Salovey e Mayer ressalta que ser inteligente emocionalmente depende do desenvolvimento de cinco domínios principais:

O primeiro deles é ***conhecer as suas próprias emoções***. Desenvolver este domínio é saber reconhecer e identificar o comportamento de suas emoções a fim

de saber utilizá-las para o seu próprio bem. Assim, ao identificar suas emoções o indivíduo é capaz de criar estratégias para reagir de forma adequada a cada emoção que surge. Neste sentido, ser inteligente emocionalmente é antecipar ações a fim de prevenir que uma determinada emoção provoque ações inesperadas e inadequadas. Como exemplo podemos citar um momento em que o indivíduo percebendo que uma determinada situação vai lhe provocar uma reação inadequada ele simplesmente age no sentido de interromper aquele ato para que essa reação não venha a ocorrer, e por consequência, afastar um estado de espírito negativo.

O segundo é saber **lidar com as emoções**. Este domínio se resume ao autocontrole emocional. É saber compreender que todo indivíduo passa por momentos de estresse e, por esta razão, apresentará momentos de maior ou menor ansiedade e negatividade. Ser inteligente emocionalmente neste caso é saber se livrar da ansiedade e da irritabilidade. É, portanto, ter habilidades para saber identificar o momento certo de agir e o momento necessário de recuar para que suas reações, diante de uma emoção, sejam as menos danosas possíveis.

O terceiro domínio é a **automotivação**. Nada mais é do que colocar as emoções a serviço do alcance de seus objetivos. É aprender a responder de forma consciente aos seus estímulos sem esperar a satisfação imediata para se distanciar da impulsividade. Em suma, é saber, de forma consciente, interpretar os seus sentimentos para assim tomar a decisão de ação mais acertada e adequada para o alcance de suas metas e objetivos. É agir com entusiasmo e prazer.

O quarto é **reconhecer as emoções nos outros**. Corresponde a habilidade da empatia. É agir com os outros da mesma forma que gostaríamos que agissem conosco. É a habilidade de desenvolvimento da escuta, da percepção das necessidades e anseios dos outros. Ser inteligente emocionalmente neste quesito é saber agir com respeito e consideração ao próximo e assim, melhorar as suas relações interpessoais.

O quinto e último domínio é o **saber lidar com relacionamentos**. É a chamada inteligência intrapessoal. É a habilidade de ter o autocontrole diante das emoções dos outros e de interagir com eles demonstrando empatia e consideração. É o exercício da liderança e da popularidade buscando sempre gerir as emoções dos outros a fim de aprimorar o relacionamento com eles que se tornará mais harmonioso.

O desenvolvimento destas habilidades torna o ser humano mais sociável, comprometido e eficiente no desempenho de suas atividades, funções e relações e por consequência, mais alegre e satisfeito.

Entendemos que todo profissional da psicologia deve buscar desenvolver estas habilidades, pois, nas suas atividades as relações interpessoais são constantes e a inteligência emocional pode ser aprimorada sempre. É importante salientar que cada ser humano apresenta uma subjetividade e, portanto, o psicólogo deve estar sempre atento ao aperfeiçoamento de sua inteligência emocional buscando treinamentos para aprimorar a sua técnica através da identificação de seus erros e acertos na prática do seu exercício. Para o bom desempenho da psicoterapia, o psicólogo precisa estar naturalmente sintonizado com o paciente. Goleman (2012) salienta que desenvolver a autoconsciência é fundamental para a intuição psicológica, o que, é essencial para a psicoterapia, afirmando que:

Na verdade, várias teorias da psicanálise veem a relação que se estabelece entre analista e analisando como proporcionando exatamente esse ajustamento emocional, uma experiência reparadora de sintonização. Espelhar é o termo empregado por alguns pensadores psicanalíticos para designar o fato de o terapeuta ser, para o paciente, o reflexo de seu estado interior, como faz uma mãe sintonizada com o seu bebê. A sincronia emocional é tácita e fora da consciência, embora o paciente possa extrair um grande prazer da sensação de que está sendo profundamente reconhecido e entendido (GOLEMAN, 2012, p. 123).

Portanto, um profissional Psicólogo inteligente emocionalmente terá maiores aptidões para desenvolver com maestria a sua profissão alcançando maior eficiência nos resultados da sua intervenção psicológica resultando em maior satisfação pessoal e do paciente.

3.CONCLUSÃO

Qual é a importância da inteligência para que o ser humano tenha sucesso em sua vida? Em que sentido a inteligência emocional torna o cidadão mais feliz, satisfeito e realizado? A busca de uma resposta para estes questionamentos foi a base desta pesquisa.

Tendo como foco central a análise dos estudos de Daniel Goleman em relação à importância da inteligência emocional para o sucesso pessoal e profissional, observou-se através desta pesquisa que ser emocionalmente inteligente, é uma importante qualidade humana que facilita as relações pessoais e interpessoais, e, por consequência, permite uma maior satisfação e sucesso pessoal e profissional.

Mas o que é ser emocionalmente inteligente? A resposta a este questionamento foi possível ao se interpretar os cinco domínios da inteligência emocional segundo Salovey e Mayer e apresentados por Goleman, (2012).

Nesta interpretação chegamos a conclusão de que uma pessoa terá inteligência emocional a partir do momento na qual ela tenha desenvolvido a capacidade de se autoconhecer e, a partir disso, conseguir controlar as suas emoções. Que também possua habilidades para lidar, quer seja com os fracassos, tristezas e decepções, quer seja com as alegrias, vitórias e realizações, a fim de que estas emoções não interfiram negativamente na busca da solução dos problemas ou na sua conduta ao se relacionar com outras pessoas. Da mesma forma é saber utilizar as suas emoções para sempre se automotivar a fim de aumentar a sua produtividade e, no mesmo sentido, compreender as emoções de seus pares e assim, estar sempre bem disposto e, acima de tudo, bem preparado para o melhor enfrentamento dos bons e maus momentos dos relacionamentos interpessoais. Também significa desenvolver a empatia, ou seja, ter a sensibilidade de reconhecer as emoções das pessoas com as quais se relaciona e desta maneira, desenvolver habilidades que facilitem as relações interpessoais.

A pesquisa também revelou que a inteligência emocional é um construto ainda relativamente recente e que necessita de maiores pesquisas, estudos e aprofundamentos para que se torne um conceito com maior aceitação na comunidade científica mundial. Isto decorre porque são muitas as teorias e conceitos que analisam a inteligência humana e, entre elas, ainda existem muitas

divergências. Alia-se a isso o fato de que mesmo que os estudos de Goleman tenham comprovado a existência das habilidades humanas que compõem a inteligência emocional, ao contrário do que ocorre com o QI, ainda não existir um meio ou ferramenta através da qual seja possível se avaliar o nível do QE.

Mesmo assim, no desenvolvimento desta pesquisa, pudemos perceber que os estudos desenvolvidos por importantes psicólogos nos quais se incluem Goleman, Gardner, Salovey e Mayer, que as habilidades cognitivas e intelectuais, embora importantes, não são por si só suficientes para garantir o sucesso pessoal e profissional do indivíduo. Estes estudos revelaram que quanto mais evoluída for a inteligência emocional do homem maiores serão as suas chances de sucesso e do aproveitamento prático de seu QI, em especial nas atividades que envolvam diretamente as relações interpessoais. Neste sentido ainda é importante ressaltar que enquanto o QI é inato e imutável a inteligência emocional pode ser adquirida e aprimorada através do amadurecimento e do treinamento.

Conclui-se, portanto, que a inteligência emocional é de fato uma habilidade essencial e necessária para que o indivíduo possa alcançar o seu sucesso pessoal e profissional, e no objetivo desta pesquisa, especialmente ao profissional da Psicologia que no desempenho de suas atividades está constantemente lidando com as pessoas e suas emoções.

REFERÊNCIAS

BELLO, José Luiz de Paiva. **Manual para elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso, Monografias, Dissertações e Teses**. Clube dos autores disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=O5ZLBQAAQBAJ&pg=PA42&dq=coletas+de+dados&hl=pt>> acesso em 23/09/2018.

BLANCO, Marília Bazan, et al **O que é inteligência? Percepções de professores do ensino fundamental**. Espacios Vol. 38 (Nº 50) Ano 2017. Disponível em: ><http://www.revistaespacios.com/a17v38n50/a17v38n50p25.pdf> acesso em 19/08/2018

CALUMBI, Carolina Cristina Batista; BARBOSA, Izabel de Carvalho H.; CHICÓ, Joselane Tiburtino. **A Aquisição da Linguagem na Visão Sócio- Interacionista de Vygotsky**. Disponível em:< <http://moly-www.educacaoreflexao.blogspot.com/2010/02/aquisicao-da-linguagem-na-visao-socio.html>> acesso em 18/10/18.

CÂMARA, Rosana Hoffman. **Análise de Conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações** . Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), jul - dez, 2013,179-191. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003> acesso em:19/08/18

CAMPOS, Carolina Rosa. **Avaliação da Inteligência para crianças deficientes visuais: construção de Subtestes e investigação de suas capacidades**

COSTA, Ângelo Brandelli e ARALDI, Etiane. **Algumas questões acerca do estudo da inteligência em sua relação com a psicologia**. 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/271196781>> acesso em 29/08/2018.

CRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa – Projetos e Relatórios**. 2ª ed. Revista atual. São Paulo. Edições Loyola, 2004. Disponível em:< <https://books.google.com.br/books?>> acesso em 23/09/2018.

DA SILVA, Maria Isabel Tavares Candeias. **Passo a Passo, no Interior do Projecto, Um estudo sobre a Inteligência da Escola**. (2007), Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6748/1/Tese%20doutoramento_I_Candeias.pdf> acesso em 04/10/18

DALGALARRONDO, Paulo **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2ª edição 2008. Porto Alegre. Ed. Artmed.

FARIA, Luísa. **Inteligência humana: pinturas biológicas e cognitivas**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 13, n. 25, p. 119-121, junho de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2003000200011&lng=en&nrm=iso> acesso em 14 /08/ 2018.

FERREIRA JUNIOR, Breno de Castro et al . **Alterações cognitivas na esquizofrenia: atualização**. Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 57-63, 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v32n2/v32n2a06>. Acesso em 19/10/ 2018.

GARUTTI, Selson. **A teoria das inteligências múltiplas como conceito de educação ambiental**. Revista Intersaberes | vol. 7 n.14, p. 291 - 308 |ago. – dez. 2012 |ISSN 1809-7286. Disponível em : <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/download/325/197>> acesso em 11/10/18.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. A Teoria Revolucionária que Define o que é Ser Inteligente. 2.ª Edição. 2012. Rio de Janeiro. Objetiva.

LOPES, Josiane. **Vygotsky o teórico social da inteligência**. Nova Escola. São Paulo, n. 99, Ano XI, p. 33-38, dez. 1996. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/135730363/Vygotsky-o-teorico-social-da-inteligencia>> acesso em 18/10/18

MACEDO, Neusa Dias. **Iniciação à pesquisa bibliográfica – Guia do Estudante para a Fundamentação do Trabalho de Pesquisa** 2ª ed. Revista. São Paulo. Edições Loyola, 1994. Disponível em:< <https://books.google.com.br/books?>> acesso em 23/09/2018.

MEDEIROS, Alexsandro M. **O sócio interacionismo de Lev Vygotsky** lattes.cnpq.br/6947356140810110 /2016 Disponível em: < <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/o-socio-interacionismo-de-lev-vygotsky/>> acesso em 18/10/18

MIRANDA, Maria José. **A inteligência humana: contornos da pesquisa**. Paidéia (Ribeirão Preto) , Ribeirão Preto, v. 12, n. 23, p. 19-29, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000200003&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19/08/ 2018.

NOVIKOBAS, Augusto Cesar dos Santos; LAMARI MAIA, Luciano Brunelli (2017) **Conceitos de Inteligência e a Teoria das Inteligências Múltiplas**. Disponível em: <[http:// fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/ iv8QVLnve57UjqC_2017-1-21-10-48-42.pdf](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/iv8QVLnve57UjqC_2017-1-21-10-48-42.pdf)> acesso em 19/08/18.

OLIVEIRA, Cristiane Helena Anjos de. **A Influência da inteligência emocional no treinamento e desenvolvimento de uma equipe de trabalho**. Revista Pós-graduação: Desafios Contemporâneos-, ISSN 2358-2774v. [S.l.], 2 n. 3 p. 71 - 98, ago. 2015. Disponível em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/revposgraduacao/article/view/884>. Acesso em: 18/10/ 2018.

PARO, Debora de Lourdes Ferro Pellegrini. **Concepções implícitas de inteligência em uma amostra de estudantes universitários do estado de São Paulo**. Ribeirão Preto – SP 2006 Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/inteligencia.pdf>. > acesso em 04/10/18

PASQUALI, Luiz. **Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento** / organizado por Luiz Pasquali. — Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida / Instituto de Psicologia / UnB: INEP, 1996. > 22/11/18.

PASSOS, Alfredo. FERREIRA, Tereza D. M, (2016). **Tesarac : O Livro da Inteligência Competitiva**. > disponível em: https://books.google.com.br/books?id=iQ9rDQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 18/08/18.

PEDRUZZI, Alana das Neves; et al . **Análise Textual Discursiva: os Movimentos da Metodologia de Pesquisa Atos de Pesquisa em Educação** - ISSN 1809-0354 Blumenau, v. 10, n.2, p.584-604, mai./ago. 2015. Disponível em:<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4312/3060> acesso em: 26/11/18

PINHEIRO, Marta. **Aspectos históricos da neuropsicologia: subsídios para a formação de educadores**, Curitiba, n. 25, p. 175-196, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n25/n25a11.pdf> > acesso em: 08/10/18

PRIMI, Ricardo. **Neuropsicologia e aprendizagem: Avanços na concepção psicométrica da inteligência**. Fernando C Capovilla. (Org.). 2002 Sociedade Brasileira de Neuropsicologia. Disponível em:<<http://psicod.org/neuropsicologia-e-aprendizagem-uma-abordagem-multidisciplinar.html?>> acesso em 14/10/18.

QUEIRÓS, Vanessa. **A Teoria das Inteligências Múltiplas e a Psicopedagogia Institucional: Um Estudo de Caso**. Disponível em: <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/02/A-.pdf>> acesso em 25/09/18.

ROMERO, Priscila. **Breve estudo sobre Lev Vygotsky e o sociointeracionismo**. 2015. Disponível em: < <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/breve-estudo-sobre-lev-vygotsky-e-o-sociointeracionismo>> acesso em 18/10/18.

SANTOS, Rosângela Pires dos; **Inteligências Múltiplas e Aprendizagem** disponível em: < http://espacoviverzen.com.br/wpcontent/uploads/2017/12/Rosangela_Pires_dos_SantosInteligencias_Multiplas_e_Aprendizagem.pdf> acesso em 04/09/2018

SCHELINI, Patrícia Waltz Teoria das inteligências fluida e cristalizada: início e evolução. Estudos de Psicologia 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n3/10.pdf>> acesso em 14/10/18.

SILVA Jr, Renê Marcelino da; NASCIMENTO, Alexsandro Medeiros do; ROAZZI Antonio. **Paradigmas da Inteligência na Psicologia: Consequências para o estudo sobre o desenvolvimento do self e da autoconsciência na psicologia cognitiva**. Ano 9, Vol XVII, Número 2, Jul-Dez, 2016, Pág. 8-37. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/312969472>> acesso em 08/10/18.

SILVA, Ana Flávia Vilioni. et al **Percepção dos professores do ensino fundamental sobre as dificuldades de aprendizagem**. (2013). Disponível em < <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rel/article/viewFile/562/487>> acesso em: 26 /09/ 18.

SOUZA, Paulo Henrique Xavier de 2012. **Inteligência Emocional na Gestão de Pessoas das Instituições de Ensino Público: Um Estudo de caso no Colégio Municipal Frei Calixto em Porto Seguro**. Disponível em: http://emersonclaudioshow.blogspot.com/2013/03/monografia-completa-inteligencia_9642.html > acesso em 22/11/18.

TEIXEIRA Andréia Rosane de Alcântara. et al (2014) **A Influência da Inteligência Emocional na Tomada de Decisão Gerencial**. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/40920462.pdf>. Acesso em: 18/10/2018